



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL HABILITAÇÃO: JORNALISMO

IRACIARA ALMEIDA DE SOUZA
RA: 20264494

**A NARRATIVA COMO VALOR-NOTÍCIA: UM ESTUDO
DE CASO DO GLOBO REPÓRTER**

Brasília
2006

IRACIARA ALMEIDA DE SOUZA

RA: 20264494

**A NARRATIVA COMO VALOR-NOTÍCIA: UM ESTUDO
DE CASO DO GLOBO REPÓRTER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.
Orientadora: Gisele Rodrigues

Brasília

2006

IRACIARA ALMEIDA DE SOUZA
RA: 20264494

**A NARRATIVA COMO VALOR-NOTÍCIA: UM ESTUDO DE
CASO DO GLOBO REPÓRTER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Brasília, 25 de maio de 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Gisele Rodrigues
Orientadora

Prof. Ana Paula Ferrari
Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

*A todos aqueles que
acreditaram em mim e meu
sonho.*

AGRADECIMENTO

De fato até agora não consigo acreditar que realizei um dos principais sonhos de minha vida, aliás, essa tem sido muito generosa comigo. Reconheço que as dificuldades e barreiras foram muitas, mas não há em minha vida lugar distante que eu não possa chegar ou obstáculo que eu não seja capaz de transpor. Acredito sempre que quem faz é quem quer e não necessariamente quem sabe. Nessa longa estrada vários fatores e pessoas contribuíram para a conquista desse prêmio e chave que certamente me abrirão muitas portas. À eles devo agradecer:

Primeiramente a Deus pela infinita força e misericórdia. Sei que em muitos momentos a força que me levantava e me fazia seguir definitivamente não me pertencia e confesso que não há nada melhor nesse mundo que se sentir nos braços do pai, Aos professores pelo zelo, atenção e competência com que ministraram seus conhecimentos,

À minha mãe, não só pela confiança depositada em tudo que um dia disse que gostaria de ser ou fazer, mas principalmente pelo carinho, cuidado e amor com que cuidou de mim durante toda minha vida,

Ao meu pai, pela admiração silenciosa, pelos livros que leu comigo só pra saber o tanto eu lia e por ter sido meu exemplo de firmeza e orgulho próprio,

Aos meus irmãos, Iara, Indiara e Júnior por terem sido meus admiradores, torcedores e até por acreditarem inocentemente que eu sabia quase tudo,

Aos meus tios, que sempre me deram apoio e acreditaram em mim, mais que eu mesma. Nesse momento gostaria de citar alguns nomes, mas definitivamente seria injusta.

Aos meus avós paternos que embora não estejam mais aqui, sempre estarão em meu coração,

Aos meus avós maternos pelo carinho de sempre e por aquela eterna frase com que me apresentam cheios de orgulho “essa é minha neta mais velha”;

A minha amiga Martha, pela profissional em que me tornei e ao amigo Eduardo por me fazer entender que ninguém tem o direito de me tirar um sonho,

Aos meus amigos pela força, confiança, carinho, colo e principalmente por me lembrar em todo momento quem eu era.

Nada em minha vida é concebível em solidão, dessa forma isso não seria possível sem o apoio e carinho de vocês.

A todos: Meu eterno amor

*“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zêlo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu
canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem
vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, pôsto que e chama
Mas que seja infinito enquanto dure.”*

Vinícios de Moraes

Resumo

Esse trabalho consiste em identificar possíveis implicações da utilização de elementos da narrativa como valor-notícia no telejornalismo, elemento particularmente estudado nessa pesquisa no *Globo Repórter*, da *Rede Globo de Televisão*. O uso de elementos da narrativa como valor-notícia, em especial do personagem, é uma forma de ilustração para comprovar ou testemunhar o que se fala. Entretanto, como poderá ser verificado nesse estudo, alguns especialistas apontam que não se pode utilizar esta ferramenta indiscriminadamente. O processo de informação jornalístico-televisivo corre o risco, segundo essas considerações, de deturpar a matéria-prima do jornalismo; a informação. A televisão é uma mídia marcada pela exposição e entretenimento. No entanto, não se pode permitir que o caráter novelístico, por intermédio da dramatização da realidade, desse meio de comunicação, incorpore-se aos telejornais como principal ferramenta de comunicação. Para tanto será realizada ainda uma breve comparação entre dois programas da rede Globo de televisão para demonstrar em que nível o personagem na construção da notícia pode prejudicar a informação.

Palavras chave: Televisão, Narrativa e Personagem.

Abstract

This work analyzes the implications of the use of narrative as value-news in telejournalism. Particular emphasis is given in this research to the TV news program Globo Repórter, of the Rede Globo channel. The use of narrative as value-news is a demonstrative method to prove or to testify what it is said. However, as it is verified in this study, some specialists point out that this tool cannot be used indiscriminately. According to these considerations, the journalistic-televising process of information runs the risk of defiling the prime element of journalism: information. Television is a medium characterized by exposition and entertainment. However, "soap-opera" characteristics, or a dramatization of reality, cannot be permitted to be incorporated in TV news programs as main tool of communication. For in such a way one brief comparison will be carried through still enters two programs of the net Globe of television to demonstrate where level the personage in the construction of the notice can harm the information.

Keys words: Television, Narrative and Character.

Lista de Figuras

Figura 1 – Porcentagem de tempo do Globo Repórter.....	37
Figura 2 – Porcentagem de tempo do Jornal Nacional.....	38

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Episódio / A Caminho do Trabalho.....	27
Tabela 2 – Episódio / Profissão Repórter.....	28
Tabela 3 – Edição / Jornal Nacional Exibido em 06/04/2006.....	33

Sumário

Introdução	12
1. A Notícia como Mercadoria	14
1.1. A Narrativa no Discurso do Jornalismo	16
2. O Telejornalismo	20
3. A Rede Globo e o Globo Repórter	24
3.1. O Globo Repórter e a Narrativa	25
4. A Análise das Matérias	28
4.1. A Caminho do Trabalho – Edição exibida em 17/03/06	28
4.2. Profissão Repórter – Edição exibida em 28/04/06	29
4.3. A Caminho do Trabalho	30
4.4. Profissão Repórter	31
5. Uma Breve Comparação Com o Jornal Nacional	33
5.1. Jornal Nacional - Edição exibida em: 06/04/06	34
5.2. Comparação entre os Gráficos	37
6. Conclusão	39
Referências	

Introdução

Esse trabalho tem como objetivo identificar as possíveis implicações do uso indiscriminado de elementos da narrativa, em especial do personagem, como valor-notícia no telejornalismo. Secundariamente, a notícia tratada como mercadoria será outro tema abordado. Para tanto, se escolheu como objeto de estudo o programa jornalístico semanal, *Globo Repórter* exibido na Rede Globo de Televisão.

Em 1967, Luiz Beltrão definiu jornalismo como a informação de idéias, situações e fatos atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade para difundir conhecimento e orientar a opinião pública, isso no sentido de promover o bem comum. Para Ganz (1999) mais que um intermediário entre o público e o acontecimento, o jornalista é quem prepara ou produz seu trabalho.

A notícia, trabalho final do jornalista, é definida por Traquina (2005) como a ruptura da normalidade. Já Fontcuberta in Pereira Jr (2000), define essa como uma forma de ver, perceber e conceber a realidade. “É um autêntico sintoma social e a análise de sua produção lança muitas pistas sobre o mundo que nos cerca”. Assim pode-se concluir que notícia é o que rompe a normalidade em um dado contexto social.

Para um fato virar notícia ele deverá possuir alguns critérios. Esses são chamados critérios de noticiabilidade e funcionam como uma escala de seleção dos acontecimentos ou dos valores, o que irá permitir analisar o grau de possibilidade de um acontecimento se transformar em notícia isso segundo Canavilhas (2004). Esses critérios irão nortear o jornalista na escolha daquilo que pode ser notícia e na orientação de produção da mesma.

Uma breve referência aos principais critérios de noticiabilidade irá iluminar o entendimento, do que se constituiu, segundo Traquina (2005) pelos jornalistas, como valor-notícia. Galtung e Ruge in Traquina (2005) enumeram doze valores-notícia como os mais utilizados pela comunidade interpretativa desses profissionais. A frequência ou a duração do acontecimento, a amplitude do evento, a clareza ou falta de ambigüidade são alguns deles.

Outros como a significância, a consonância, o inesperado, a continuidade, a composição, a referência a pessoas de elite, a personalização e a negatividade do fato são outros critérios mencionados pelo autor.

Canavilhas (2004) cita ainda três critérios de noticiabilidade como sendo condicionantes específicos do jornalismo televisivo, sendo eles: A previsibilidade, uma vez que a preparação de uma equipe necessita de tempo hábil para planejamento. O valor das imagens, já que uma boa matéria sem imagens não tem valor algum para a TV. E ainda os custos, visto que o envio de uma equipe para cobrir um fato implica gastos para a emissora.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo identificar de que forma e em que medida a presença de elementos da narrativa, em especial o personagem, pode prejudicar a qualidade e o foco informativo do programa jornalístico de televisão. Esse tem ainda como foco avaliar de que forma a informação tem sido preterida em virtude da história de seus personagens bem como capacitar o leitor para compreender esses fatores.

Para analisar a frequência e o tempo de participação do personagem na notícia, duas edições do programa jornalístico *Globo Repórter* foram escolhidas. Uma delas, *A Caminho do Trabalho*, foi exibida em 17 de março de 2006. Os programas foram divididos em blocos que se distinguiram pela história de seus respectivos personagens. Os dez blocos em que foi dividido o primeiro programa se chamavam respectivamente:

Lição no trem, Amiga bicicleta, Idéias em trânsito, Festa no ônibus, Vã da alegria, Café da manhã a bordo, Pedalar é preciso, Balé sobre duas rodas, Sonho interrompido e Namoro em alto mar. Já o segundo, *Profissão Repórter*, exibido em 28 de abril do mesmo ano foi dividido da seguinte forma: *Reféns do Trânsito, Vida e Morte no engarrafamento, Aventura nas ruas e Loucuras no Trânsito.*

Baseada na construção do discurso jornalístico das edições desse programa e com o intuito de observar a presença e o tempo destinado a alguns elementos da notícia, uma tabela contendo os campos: *Personagens, causas, conseqüências, soluções e especialistas* foi idealizada. Com base no cálculo cronométrico do tempo destinado a cada um desses componentes, pôde-se analisar o grau de comprometimento da notícia com a presença da figura do personagem.

1. A Notícia como Mercadoria

Antes de partir para o estudo da utilização de elementos da narrativa como valor-notícia no telejornalismo, é preciso compreender o caráter de mercadoria que assumiu a informação mediante o capitalismo. Quando inserida na lógica industrial capitalista, na qual o importante é a venda de si mesmo, o conteúdo informativo incorpora algumas características para que esse adquira status de notícia.

Medina (1988), afirma que as notícias estão carregadas da dupla função de informar e entreter e para atingir o nível massa dos leitores, é dada ênfase na informação sonho / realidade. Por mais que coberturas sérias como política, exijam avivar mensagens de opinião, na cobertura normal diária da produção de informação de consumo, o que prevalece ainda é o fato imediato de significação primariamente emocional.

Os critérios aos quais a informação submete-se para se adaptar e a essa função e assim atender o processo mercadológico podem desfigurar o conteúdo da informação. O jornal perde, de alguma maneira, seu caráter informativo e cria vínculo noticioso com o drama vivido pelo personagem a fim de vender um produto. O espetáculo faz da informação notícia e esse passa a orientar a produção jornalística:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos, estéticos, emocionais e sensacionais, para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. (FILHO, 1989, p. 13).

A notícia como produto oferecido pelos veículos de comunicação, financiados pela publicidade e pela receita proveniente de circulação, assume natureza de mercadoria na medida em que se torna atraente para o leitor ou telespectador que consome o veículo onde é publicada. É exatamente esse grau de atração, que a notícia exerce sobre o público, que irá garantir a tiragem ou a audiência dos veículos e, em última instância, o volume de publicidade neles injetado.

Filho (1989) afirma que os jornais são mascarados pelo papel social que deveriam exercer. Ele aponta a notícia como “mercadoria simbólica” quando inserida na lógica industrial capitalista adotada pelos veículos de comunicação de massa.

Para o autor os jornais omitem seus reais interesses e fingem cumprir seu papel social:

Os jornais são como pontas de icebergs, que no nível externo representam a democracia formal, na qual todos seriam iguais, e no fundo, escondem o poder político ou econômico que os sustenta, que é incomparavelmente diferente de um jornal para outro em relação ao seu tamanho e importância. (FILHO, 1989, p. 13).

Emoção é uma das ferramentas utilizadas na construção da notícia para atender o propósito de mercadoria. Na medida em que o conteúdo da matéria deixa de ser ocasional e tem seus rumos orientados propositalmente para satisfazer um fim, torna-se possível colocar à prova a qualidade do trabalho desenvolvido pela produção jornalística e posteriormente seu conteúdo informativo. “O noticiário da imprensa (particularmente a sensacionalista) sentimentaliza as questões sociais e cria penalização em vez de reação”. (FILHO, 1989, p.18)

Dessa forma a realidade é determinada pelo enfoque do jornalista e a manipulação do editor. Juntos realizam a notícia segundo prismas particulares e assim a informação é exposta para o espectador: filtrada por interpretações e valorizações, muitas vezes pessoais, mas sempre somadas aos interesses mercadológicos:

Assim como uma roupa que se pode adquirir em uma loja, assim como uma fruta que se pode obter em uma quitanda, também notícias podem ser compradas. Elas não são somente produtos, como supõe a acepção mais ingênua. Elas são de fato “a forma elementar do capitalismo”; (Marx) são mercadorias. São produzidas para um mercado real e encerram em si a dupla dimensão da mercadoria: valor de uso e valor de troca. (MEDINA, 1988, p. 25).

Os critérios de noticiabilidade utilizados para adaptar a informação aos moldes exigidos pelo sistema capitalista, têm a função de produzir o conteúdo de forma que esse se torne um produto vendável. Leitor, ouvinte e telespectador são transformados em consumidores. Nesse contexto é possível afirmar a ausência de imparcialidade, uma das principais premissas do jornalismo.

É preciso ter em mente que no processo de produção jornalística, inserido na lógica do capitalismo e na cultura de massa, o conteúdo é orientado para atender o interesse do público. Esse interesse irá definir a audiência e a conseqüente publicidade do veículo.

Assim sendo, é possível afirmar que o conteúdo informativo dos jornais é submetido, cada vez mais, às regras do mercado passando dessa maneira, por um processo depurativo. “O editor está em perfeita sintonia com a angulação da empresa – com angulação massa – ou seja, age como elemento regulador da oferta e da demanda”. (MEDINA, 1988, p. 79).

Ainda acordo com Medina (1988), com a Revolução Industrial e conseqüente capitalização do processo produtivo da informação, esse mesmo processo, que outrora pouco se importava com restrições de tempo, é agora completamente submetido ao ritmo de produção da indústria. Esse ritmo exige que o editor seja um criativo líder da organização. Nesse processo embalagem e acabamento passam a determinar o produto final notícia.

As redações têm, em processo gradativo, seu conteúdo submetido à equipe de técnicos da administração e pela equipe de tecnologia. Esse conteúdo é então regulado aos moldes do tempo e espaço do processo industrial. Assim o processo informativo é manipulado em função do processo produtivo para atender exigências impostas pela indústria cultural de massa.

Porém, embora a pesquisa realizada pela Escola de Comunicação e Artes de São Paulo (ECA / USP) publicada in MEDINA pg. 82, sobre as improvisações e possíveis falhas de editorias na organização do produto-informação, comprove que as redações brasileiras ainda não estão preparadas para trabalhar nesse contexto; não se pode negar que essas em muito têm se esforçado para adaptar-se.

1.1. A Narrativa no Discurso do Jornalismo

Mozahir Salomão acredita que para um fato se tornar notícia a singularidade da narrativa e seu contexto são mais importante que seu valor de conteúdo. Segundo o autor: “É a crônica do cotidiano que toma forma de notícia e que é apresentada como tal, pois é submetida às próprias técnicas e a lógica da estrutura noticiosa. Esta alterada configuração pode ser vista até como nova [...]”:

Uma prova de que a notícia, do ponto de vista do relato, não é mais o próprio fato imparcialmente referenciado, são as próprias variações de narrativa de jornal para jornal. De um lado, essas variações refletem outras categorias estruturais, como a angulação de cada jornal, a edição, a relação interpretativa primária do repórter com a realidade; de um lado refletem variantes do próprio universo de narração. (MEDINA, 1988, p. 100).

Se um programa jornalístico deve ter o foco na informação, o personagem que ilustra o fato, não poderá sobrepor-se ao conteúdo propriamente dito. Um programa jornalístico deve pautar-se pela informação. Histórias ou casos particulares são exemplos e creditam conteúdo, porém se o personagem, como componente da narrativa, torna-se princípio orientador do telejornal, esse tem seu foco desviado.

É preciso então analisar como os elementos da narrativa, sobretudo o personagem, tem sido a principal ferramenta da qual o jornalista se apropria para transmitir informação na forma de notícia, segundo alguns critérios de noticiabilidade já citados. Souza e Sérgio Carvalho (1995) apontam o texto narrativo como a existência de uma seqüência de fatos sucedidos no tempo e no espaço.

Outro elemento importante da notícia é a personagem: ela é alma da matéria. Uma notícia sem personagem não tem vida, não emociona. A personagem ajuda a humanizar a notícia, faz que o público se identifique com o fato, aproxima o leitor, ouvinte ou o espectador de uma realidade distante. Uma celebridade é notícia por si, independentemente do fato, e sempre agrega valor à notícia. [...].Mas o personagem pode também ser alguém desconhecido, desde que representativo ou justamente por ser atípico. Uma boa personagem é aquele que estabelece vínculo com o leitor, ouvinte ou espectador. É preciso ter alguém de carne e osso, com cara e nome, para dar dimensão da realidade e despertar emoção. Quanto mais interessante a personagem, maior impacto terá a notícia. [...] (VASQUEZ, 2004, p.37)

Essa estrutura narrativa é composta pela presença de um narrador, um ou mais personagens e o uso do verbo em 1ª ou 2ª pessoas. No entanto a narrativa jornalística noticiosa guia-se pela ordem de relevância do acontecimento dos fatos, forma de construção da notícia conhecida como pirâmide invertida (Wolf *apud* Gonzaga Motta, 1995). O nível de importância desses fatos é medido pelo jornalista e editor.

A maneira como o jornalista percebe o mundo e como o editor escolhe as imagens seriam, em princípio, suficientes para que seu consumidor percebesse a reconstrução da realidade. Essa mediação quando mal intencionada ou mal feita do conteúdo informativo pode prejudicar a qualidade do produto final. Contudo, deve-se

levar em consideração a obrigatoriedade de elementos da narrativa para entender esse processo de produção noticiosa.

Ainda do ponto de vista da edição, a fragmentação da estrutura noticiosa também deve ser considerada. Utilizada para ordenar e interpretar os fatos, quando realizada em benefício de histórias particulares e seqüência de fatos relevantes aos olhos de seu produtor e ainda submetida à pressão do tempo exigido pelo modelo capitalista, a fragmentação acarreta perdas para a lógica de acontecimento dos fatos entre si:

A fragmentação da realidade em partes estanques repercute no caráter da veiculação noticiosa no jornalismo. Tal fragmentação (que é a forma geral de disposição do mundo na perspectiva burguesa) produz igualmente mentalidades fragmentadas, diluídas, difusas, que vêem o contexto social, a realidade, sem nenhum fio ordenador. (FILHO, 1989, p. 41).

Para entender a utilização da narrativa na construção da notícia na atividade dos principais veículos de comunicação, é preciso investigar como ela atende às motivações comerciais destes veículos paralelamente à sua função social de fornecer informação de interesse público. Em outras palavras, é preciso investigar o tipo de apelo que ele exerce sobre o público para fidelizá-lo aos veículos.

Um fato ocorrido com pessoas remete o público a uma situação de sua vida real e a carga emotiva que o instiga a continuar a ler, ouvir ou assistir a matéria é muito alta. Esse fato justifica o uso desse critério conhecido por personalização bem como sua estratégica aplicação no discurso dos jornais. Pode-se citar como exemplo o plantão do *Jornal da Globo*. Munido de histórias reais, de pessoas e com alta carga dramática, os fatos se tornam para o público altamente atraentes.

Segundo MEDINA (1988), a estrutura da notícia, em especial a de caráter imediato, opta quase sempre por fórmulas de consumo fácil. A autora aponta a cronologia do acontecimento e sua reprodução como o caso mais típico de tentativa de recomposição do real referenciado. Segue-se não um tempo real, mas ficcional, o que reflete um esquema de real representado e valorização do que se extrai como significativo para compor cronologia da notícia.

Outra construção lógica, segundo a mesma autora, de natureza não direta da narrativa da notícia, é a pirâmide invertida, ordem decrescente de importância dos acontecimentos. Esses modelos de narrativa noticiosa tornam-se modelos de discurso que atendem à lógica do consumo em grande escala pela facilidade de recepção. Nessa seqüência noticiosa Medina distingue difere três etapas do processo; são eles: a captação, a edição e a angulação.

A captação, fator primordial na construção da notícia, diz respeito ao próprio relato do real. A edição trata da afirmação de um serviço da informação e a angulação fica responsável por render credibilidade para a empresa que vende o produto notícia. A seqüência de importância dos fatos manipula a valorização dos acontecimentos:

Esta seqüência de informações é, dessa forma resultante de uma ampliação quantitativa de informações. Representa um critério simples de edição diante de uma captação que "estoura" a notícia imediata em propósitos e palavras. Do ponto de vista de angulação, esboça uma leve superação do plano informativo para entrar aos poucos no plano interpretativo. Como solução formal, no nível interno da experiência narrativa, é como uma partição da peça única em capítulos, necessária por ultrapassar um ritmo de fôlego curto e informações reduzidas. (MEDINA, 1988, p. 104).

Dessa maneira é possível afirmar que a notícia é construída para atender o leitor ou a audiência, tendo como base a facilitação de conteúdo. Para tanto a narrativa tem sido ferramenta primordial na conquista desse fim. Casos particulares passam a gerir a informação e o jornalista, tido como produtor e influenciador de conteúdo, passa a se encaixar nos padrões de exigência desse contexto capitalista.

Diante da realidade do atual uso indiscriminado dos componentes da narrativa, em especial do personagem, como ferramenta na construção do discurso jornalístico, contraria-se a afirmação de COSTALLES *apud* MEDINA (1988), em que a missão do repórter é captar a realidade objetiva e narrá-la com fidelidade ao leitor. GEYRHOPER *apud* FILHO (1989), considera ainda que a manipulação é clara nas formas de redigir, escolher e acentuar as informações e afirma que não há dentro da língua separação entre a informação objetiva e a tomada de posição subjetiva.

2. O Telejornalismo

Segundo o Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Epcom, a televisão e o rádio são as principais fontes de comunicação para maioria dos brasileiros. Cerca de 81% da população brasileira vê televisão todos os dias, durante 3 horas e meia, em média. Essa é atualmente a mídia de maior preferência dos anunciantes dominando 56,1% do mercado publicitário. O jornal impresso recebe 21,5% do investimento em anúncios, as revistas 10,6%, e o rádio 4,9%. Outras formas de divulgação ocupam 6,9% do total da verba destinada à publicidade.

Como se pode notar, a constante revolução tecnológica ainda não foi suficiente para dar fim à hegemonia que a televisão exerce sobre as demais mídias. Pereira Jr. (2000), também afirma que para a maioria das pessoas o telejornal é a primeira fonte de informação, o que explica sua participação no fortalecimento da identidade nacional. Também segundo o autor, calculá-se que juntos os telejornais da noite atinjam a audiência de 50 milhões de pessoas.

Dessa forma é possível entender o nível de importância e credibilidade cedido pelo telespectador ao conteúdo vinculado nos jornais de televisão. De acordo com Silvestre (1977), a televisão tem influência na construção da identidade nacional por ditar: hábitos, moda, alimentos a serem ingeridos, a língua falada bem como a maneira de pensar.

Uma pesquisa realizada na grande São Paulo, em 1999, pela revista *Imprensa*, mostra que 89,4% das pessoas assistem telejornais. Essa passa a fator muitas vezes preponderante, na construção que telespectador faz da realidade bem como as possíveis interpretações sobre o mundo os cercam. Mas o público pouco ou nada sabe sobre a manipulação que sofrem os fatos. “A televisão só é divertimento para o espectador. Para quem a faz, é um trabalho como qualquer outro, com o indisfarçável objetivo de ganhar dinheiro.”(J. SILVESTRE p. 9, 1977).

A audiência como foco principal para veiculação da televisão, a questão comercial torna-se finalidade e coloca em risco também o caráter informativo do telejornal. A dramatização e a personalização têm sido ferramentas de uso constante como o caminho mais rápido para alcançar esse fim e o reviver da situação torna-se um dos níveis da humanização do fato:

Humanizar um relato significa conduzi-lo a um nível de generalização capaz de encontrar as preocupações do conjunto público fazendo-o reviver a história como se fosse ele próprio o herói (VOYENNE *apud* MEDINA, 1988, p. 105).

Para se tornar notícia, veiculável no telejornalismo, o conteúdo, assim como no jornal impresso ou no rádio, sofrerá processo de manipulação ou adaptação ao meio. Esse tipo de mídia requer abordagem diferenciada e seu conteúdo deverá submeter-se à utilização de alguns critérios. Essa forma de construção da notícia irá de alguma maneira prejudicar o conteúdo real e completo da informação:

São puros *leads* que pouco ou nada dizem sobre os fatos que se propõem anunciar. Na televisão manipula-se com mais facilidade na escolha dos temas, no espaço que lhes é destinado, no destaque, no enfoque e até mesmo na expressão do apresentador. (FILHO, 1989, p. 52).

A edição é outra ferramenta de construção da notícia nesse tipo de mídia, também dirigido ao seu caráter capitalista. Essa é feita dentro de um tempo pré-determinado com modelo também fechado e para um horário imutável, que deve ir ao encontro dos interesses da audiência. Passa a orientar a produção do telejornal, que se baseia no interesse do público para conquistá-lo. Nesse caso é possível apontar a imparcialidade como inexistente.

A aflição de boa parte da crítica à televisão é relacionada à espetacularização da realidade, à manipulação de editores e produtores inescrupulosos, à superficialidade das reportagens, ao mau gosto dos programas, à falta de um caráter educativo da programação, ao excesso de violência, etc. (WILSON, 2004, p. 61)

A informação além de manipulada é proposital, objetivada, o fato é produzido para um fim, nesse caso vender um produto. Para atender a esse fim a dramatização e a personalização passam, como já mencionados, a principais critérios de noticiabilidade do telejornal, facilmente percebidos, pelos conhecedores das estratégias de comunicação, em sua produção diária. A informação, genérica e simplificada, incentiva à acomodação do telespectador que simplesmente aceita e

acredita naquilo que vê, assimila conteúdo e crer ser a própria realidade, por conter vinculação de imagens. (FILHO, 1989).

O espectador, sem ter conhecimento da produção do conteúdo televisivo, simplesmente o recebe e contém-se com o material recebido, incapaz de perceber, por exemplo, o apelo à emoção e a dramatização do caráter sensacionalista utilizado no telejornal. Segundo Filho, assistir a ao telejornal e apertar um parafuso numa fábrica seguem a mesma lógica a qual o autor nomeia como compartimentalização da história em fragmentos desconexos em que trabalhador e espectador produzem sem o menor poder de decisão ou consulta.

Dessa forma por muitas vezes o espectador é apenas um receptor passivo. A personalização unida à dramatização e ao caráter sensacionalista resulta no modelo de jornal espetáculo, o que no telejornalismo é mais importante que a proximidade ou o número de envolvidos no acontecimento. Se o fato tem o enfoque na história da pessoa e se ainda assim essa história é regida por um conteúdo dramático, então o fato possui algumas predisposições básicas para se tornar notícia nesse meio.

Para alcançar a audiência, as emissoras de televisão utilizam estratégias que além de não satisfazer a orientação jornalística, muitas vezes a deturpa. Essas estratégias são realizadas por meio do uso exacerbado do apelo à emoção com o intuito de atender as exigências do mercado capitalista impondo a informação espetáculo. (CANAVILHAS, 2004).

Dessa forma é preciso compreender o papel do editor que, segundo Medina, é determinar os assuntos a serem cobertos e coordenar os repórteres de sua equipe. Essa é uma das primeiras funções do editor, assim sendo esse profissional deve estar preparado para, segundo os interesses da instituição em que trabalha, orientar o seu repórter a escolher enfoques, a direcionar questionamentos, a cuidar de questões estéticas bem como supervisionar o andamento dos textos exercendo seu papel de editar.

Nesse caso o editor é uma figura de poder e na medida em que a televisão comercial é sustentada pela publicidade, é possível afirmar a falta de imparcialidade nesse meio, tendo em vista a manipulação, inclusive nos programas jornalísticos do conteúdo em benefício da audiência, admitindo assim que a publicidade rege o conteúdo televisivo.

O tempo voltado para esse meio além de caro é sempre pré-determinado, isso supõe total aproveitamento. Uma edição bem feita, ou seja, que atenda

exigências necessárias ao aumento da audiência, será a correta. O produto notícia é feito estrategicamente para instigar o consumidor a compra. A notícia, tida por FILHO (1989), como mercadoria que mais rapidamente perece, além de ter a função de atingir o consumidor-alvo deve atender ao interesse do anunciante. O caríssimo tempo da TV deve então ser bem gasto, de forma a atender simultaneamente os interesses citados para, sobretudo atender o principal objetivo do telejornal, a audiência.

3. A Rede Globo e o Globo Repórter

Em 2005, o Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação, o Epcom, realizou um estudo que resultou na construção do quadro chamado *Os donos da mídia*. Esse trata das bases do poder econômico e político constituído a partir das redes privadas de televisão aberta no Brasil. São seis redes privadas nacionais que controlam, por meio de 138 grupos afiliados, 668 veículos entre televisão, rádio e jornais. Isso gera uma receita de três bilhões de dólares.

Segundo o estudo realizado pelo Epcom, a crescente importância econômica da televisão corresponde a sua importância política e cultural. Além de aglutinar o maior número de veículos em todas as modalidades a *Rede Globo*, é citada como destaque por outras razões. É o único grupo de rede que possui todos os tipos de mídia, é dona de 40,6% do número de grupos diversificados vinculados às redes e possui a maioria dos grupos regionais.

Ainda segundo a pesquisa, a emissora está presente em todos os estados e o grupo tem 86% dos seus afiliados concentrados na região sudeste. Apresenta ainda disseminação equilibrada pelas diversas regiões e não possui concentração excessiva em pequenos mercados. Ela possui 54% da audiência e movimenta um mercado publicitário no valor de um bilhão e quinhentos e noventa milhões de dólares.

A *Rede Globo*, que teve sua concessão outorgada pelo presidente da República Juscelino Kubitschek, é responsável por 99,84% da cobertura televisiva dos 5.560 municípios brasileiros, por meio de 113 emissoras, entre geradoras e afiliadas. A emissora foi ao ar pela primeira vez em 1965, no mês de abril no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no canal 4. Posteriormente outras emissoras da rede entravam no ar. Em São Paulo, através do Canal 5, em Belo Horizonte (pela emissora adquirida do grupo J. B. Amaral em 1968), em Brasília, em 1971 (concessão feita pelo presidente João Goulart em 1962), e em Recife (através de emissora adquirida do grupo Victor Costa).

Segundo informações da emissora, a veiculação do Jornal Nacional em rede pela primeira vez, em 1969, representou um marco na história da televisão brasileira. Essa representou o início da operação emissora em rede no Brasil. Entre

1972 e 1975 a emissora já contava com programação nacional, a *Globo* foi também a primeira emissora a implantar a Televisão em cores no Brasil. Atualmente a emissora conta com cerca de 8 mil funcionários, entre autores, diretores, atores, jornalistas, cenógrafos, figurinistas, produtores, músicos, técnicos e outros. Além disso, a empresa utiliza o satélite *Intelsat* para transmissões em tempo real dentro do país.

Entre novelas, minisséries e especiais, shows, humorísticos, musicais, eventos e programas jornalísticos, a emissora grava e exhibe no período de um ano um total de 4.420 horas de produção própria. A emissora é a maior produtora de programas próprios de televisão do mundo. Assim a *Rede Globo de Televisão* ocupa lugar privilegiado entre as outras emissoras, por se tratar da principal responsável por sua grade de programação. Essa conta hoje com cerca de 8 mil funcionários, sendo mais de 4 mil envolvidos diretamente na criação dos programas como autores, diretores, atores, jornalistas, cenógrafos, figurinistas, produtores e músicos além de técnicos e outros.

3.1. O Globo Repórter e a Narrativa

Aos trinta e três anos de idade e com mais de mil programas já veiculados, o *Globo Repórter*, programa jornalístico da *Rede Globo de Televisão*, foi ao ar pela primeira vez em abril de 1973 na figura do apresentador Sérgio Chapelin. Desde então, tornou-se, segundo informações da emissora, um dos programas jornalísticos mais assistidos na televisão brasileira, com cerca de 30 milhões de telespectadores toda semana.

De acordo com a emissora, o programa foi criado para suprir uma carência do público de se aprofundar no conhecimento de assuntos polêmicos ou de interesse geral. Logo no início, apresentava mais que uma matéria por semana, atualmente, apresenta um único tema no intuito de aprofundar-se. Com duração de 45 minutos, é dividido em cinco blocos e vai ao ar toda sexta-feira às 21h45m.

Inserido na grade de programação da emissora líder de audiência no país, o programa se pauta em assuntos que possam despertar o interesse do grande público. Esse interesse irá manter fiel o volume de telespectadores garantindo, por consequência, o investimento dos anunciantes da faixa de horário em que é exibido. Tal procedimento irá ao encontro do objetivo da televisão comercial.

Para adequar-se ao meio, a notícia deve explorar alguns critérios de noticiabilidade como a dramatização, a personalização e a narrativa, em especial seu elemento, o personagem que também tem sido utilizada como valor-notícia. . Dentre as principais exigências para a inclusão dos telejornais na grade de programação da televisão comercial, alguns desses se destacam. Segundo Traquina (2005) quanto mais personalizado for o acontecimento maior possibilidade terá de ser notícia. Para o mesmo autor, dramatização é o reforço dos aspectos mais críticos, como o lado emocional e a natureza conflitual do acontecimento. Recontada por meio da interpretação do jornalista e do editor, a informação é manipulada por meio da escolha de enfoques e cortes, tendo como objetivo a venda de um produto. Isso provavelmente irá afetar a qualidade da informação.

A audiência é, segundo Curado in Pereira Jr. (2000), o principal objetivo do telejornal. Se o caráter noticioso é vinculado àquilo que se pode transformar em produto, a informação sofre um processo de perda quando submetida a critérios impostos pelo meio no qual se quer veiculada. Esse a faz tornar-se produto vendável. O Conteúdo informativo é readaptado para seguir padrões que atendam tais exigências. “O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato”.(LAGE, 2005, p. 35).

É com o objetivo de analisar os impactos, a que estão ligadas exigências desse processo, que foi realizada a escolha de um estudo de caso do programa jornalístico da *Rede Globo de Televisão, Globo Repórter* como objeto de estudo nessa pesquisa. Na busca do entendimento da utilização de elementos da narrativa, em especial do personagem, bem como os efeitos que esse pode ocasionar no conteúdo informativo, foi elaborada uma tabela em que se calcula o tempo, uma das medidas de valor da televisão, destinado a cada parte integrante na construção reportagem nesse programa.

Uma vez que na televisão a medida de valor é a própria audiência, torna-se necessário calcular o tempo destinado aos elementos que irão compor a notícia. Esse deverá ser estrategicamente calculado supondo-se total aproveitamento de um espaço caro e disputado. O conteúdo disposto durante esse tempo requer a consciência de seus produtores sobre a relação de consumo que envolve a notícia.

Para atender as predeterminações que envolvem as relações de consumo da notícia, inseridas no contexto capitalista, alguns valores-notícia já citados são utilizados com freqüência. Entretanto destacou-se em especial a personalização ou

humanização nesse trabalho por fazer parte da estrutura da construção de um texto narrativo. Essa personalização é identificada na figura do personagem da notícia.

Com o intuito de investigar como se dá o uso indiscriminado do personagem na construção da notícia, foram analisadas duas edições do programa escolhido; o primeiro exibido em 17 de março de 2006, intitulado *A Caminho de Casa*; e o segundo, exibido em 28 de abril, *Profissão Repórter*. Por meio da decupagem dos conteúdos, buscou-se dimensionar o tempo dedicado aos personagens e suas histórias de vida e compará-lo ao tempo total de duração do programa. Dessa forma, foi possível identificar o destaque que a narrativa assume em relação às informações factuais apresentadas.

Uma tabela contendo, além do campo destinado à presença e o tempo destinado ao personagem, contém outros campos para mesma verificação de outros elementos que compõem a informação. São eles, nesse caso: as causas, as conseqüências, as soluções e os especialistas. O resultado do preenchimento desses campos, frutos da decupagem, somados aos respectivos tempos de cada tópico, teve como objetivo demonstrar a distorção que tem tomado o conteúdo informativo, em especial nesse meio, bem como o quanto demasiada personalização do conteúdo informativo pode desqualificá-lo.

4. A Análise das Matérias

4.1. A Caminho do Trabalho – Edição exibida em 17/03/06

Bloco	Personagens/ Narrativa	Causas	Conseqüências	Solução	Especialista
Lição no trem	Antônio Marcos de Araújo – Técnico em eletricidade: 4'7"	A cidade de São Paulo tem 39 municípios 18 milhos de habitantes 8 milhões e meio de trabalhadores tentando vencer a distância entre a casa e o trabalha: 34"	Falta de espaço e ar extremamente poluído: 35"	Rodízio de automóveis: 12"	
Amiga bicicleta	Paulo Saldiva - Médico professor: 2'22"		A poluição ambiental: 9"	A criação de Ciclovias: 24"	Ambientalista: 23"
Idéias em Trânsito	Sônia Silva – Escritora e cobradora de ônibus: 5'33"				
Festa no ônibus	Agilberto Quiroz – Cobrador: 3'22"				
Vã da alegria	Sobre a vã: 1'22" Francinaldo Crispim – Cobrador: 1'15" Augusto Castro Universitário: 8" Natália Ivo – Universitária: 8" Cristina Tarciso – Revisora: 12" Suiane Alencar – Estudante: 5" Iracema Noronha – Vendedora: 5"				
Café da manhã a bordo	Sobre o café no ônibus: 1'23" Julio César: 12" Erica Medeiros - Administradora: 18"				
Pedalar é preciso	Ângela Rossi - Recepcionista :1'26" Personagem anônimo: 47"	1'04" Não passa ônibus no bairro Figueira / Em Duque de Caxias muita gente não recebe todas as passagens dos			

		trechos que precisa fazer.			
Balé sobre duas rodas	Ciça Rondinelle – professora de dança: 1'52"	12" – foi assaltada várias vezes no ônibus			
Sonho interrompido	Leandro Floro – Técnico em patologia – 5'07"	57" – Vãs clandestinas			
Namoro em alto mar	Cláudia Siqueira – Relações públicas e João Carlos Castilho – administrador – 3'10"				

Tabela 1 – Episódio / A Caminho do Trabalho

4.2. Profissão Repórter – Edição exibida em 28/04/06

Bloco	Personagens/ Narrativa	Causas	Conseqüências	Solução	Especialista
Reféns do Trânsito	Marcelo Bonfim – Gerente de informática: 2'20" Douglas – Motoboy: 44" Rogério Andrade: 1'27" Maria das Graças Alencar – Empregada doméstica: 33"	Pouca condução pra muita gente: 1'36"	Drama do stress : 24"	Aumentar a extensão da linha do metrô: 28"	Superintende de operações: 25"
Vida e Morte no engarrafamento	Luiz Paulo Ferraz – Geógrafo 7'34"	Tempo perdido no engarrafamento: 8"	A morte: 21"		Geógrafo: 30"
Aventura nas ruas	Luiz Faustino – Caminhoneiro – 2'55" Tamires de Souza – Estudante 1'01"		Stress: 1'07"		Psicólogo: 16"
Loucuras no Trânsito	Pedro Leão e Lucineide Leão – 3'30" Sayde El Koury – Secretária – 2'40"				Psicólogo: 2'10"

Tabela 2 – Episódio / Profissão Repórter

4.3. A Caminho do Trabalho

Antes de aferir qualquer opinião tendo como base a análise das matérias do programa mencionado, é preciso esclarecer que o propósito desse trabalho diz respeito ao uso do elemento personagem da narrativa na notícia e como valor para essa e não à narrativa propriamente dita. A construção do discurso jornalístico é baseada na narrativa dos fatos e acontecimentos. O que se irá analisar então diz respeito ao uso desse personagem em detrimento da causas, conseqüências e soluções que possam ter tal informação, ou seja, a fuga do foco jornalístico e a busca da personalização do conteúdo para conquista de audiência.

No caso do bloco *Lição no trem*, 34 segundos foram reservados para tratar as causas do problema do trânsito em São Paulo, outros 35 segundos apontaram a poluição como uma das principais conseqüências do excesso de automóveis em São Paulo e doze revelavam o rodízio de automóveis, adotado pelo Estado, como uma das principais soluções para minimizar o problema dos engarrafamentos. Para o personagem, o técnico em eletricidade, Antônio Marcos Araújo, foram dedicados de 4 minutos e sete segundos do tempo total do programa.

O *Amiga bicicleta girou* em torno da vida do médico e professor Paulo Saldiva, personagem que vai para o trabalho de bicicleta. Nessa investida foram gastos 2 minutos e 22, além disso, nove segundos trataram da poluição ambiental como uma das principais conseqüências do excesso de veículos nas rodovias. Outros 24 segundos se referiram à construção de ciclovias como uma das soluções para o fim dos engarrafamentos. Não foram tratadas, nesse bloco, causas que dissessem respeito aos problemas de trânsito da cidade.

Em *Idéias em trânsito* tratou exclusivamente do personagem, foram 5 minutos e 33 segundos discorrendo sobre a vida da escritora e cobradora de ônibus Sônia Silva, personagem que escrevia baseada nos fatos que se passavam no ônibus. Nenhum outro campo destinado à análise foi preenchido. *Festa no ônibus* foi outro bloco que discorreu inteiramente sobre a história do personagem, o cobrador de ônibus Agilberto Quiroz e para 3 minutos e 22 segundos foram utilizados.

O bloco *Vã da Alegria*, nada mais é que a história da vã 55, para isso foram investidos 1 minuto e 22 segundos. Entre os personagens o tempo foi distribuído da seguinte forma: 1 minuto e 15 para o cobrador Francinaldo Crispim, 8 segundos para o estudante universitário Augusto Castro, igualmente 8 segundos para a também universitária Natália Ivo, 12 segundos para a revisora Cristina Tarciso, 5 segundos

para a estudante Suiane Alencar e mais 5 segundos para a vendedora Iracema Noronha. Isso mostra um tempo total 1 minuto e 50 segundos para que cuidaram da história de personagens.

Os 30 segundos divididos entre os depoimentos dos personagens Júlio César e Érica Medeiros somados a 1 minuto e vinte e três segundos que tratava de um lanche matinal e coletivo em um ônibus do transporte público num percurso de durava quase duas horas diárias era toda a informação do *Café da Manhã a bordo*.

Já em *Pedalar é preciso*, a informação foi mais a fundo e destinou 1 minuto e quatro segundos para relatar as causas do problema, 12 segundos foram destinados a tratar sobre a criação de estacionamentos para bicicletas como solução. Porém o personagem não poderia faltar, e a recepcionista Ângela Rossi foi contemplada com 1 minuto e 26 segundos do tempo do programa, ainda outros 47 segundos foram cedidos a um personagem anônimo.

A professora de dança, Ciça Rondinelle, ocupou no bloco *Balé sobre duas rodas* 1 minuto e 52 segundos da programação. Além de outros 15 segundos destinados as causas, em que mencionou-se assaltos aos ônibus, nenhum outro campo da análise foi tratado. O mesmo rumo levou *Sonho interrompido* que destinou 57 segundos às causas, nesse caso o problema das vãs clandestinas, os outros 5 minutos e sete segundos do bloco trataram apenas da história do técnico em patologia Leandro Floro. A história de Cláudia Siqueira, relações públicas, e João Carlos Castilho, administrador foi o único assunto tratado no bloco *Namoro em alto mar* com duração de 3 minutos e 10 segundos.

4.4. Profissão Repórter

No bloco *Reféns do trânsito*, da edição exibida em 28 de abril de 2006, 4 minutos e trinta e três segundos foram divididos entre as histórias do gerente de informática Marcelo Bonfim, do motoboy Douglas, do empresário Rogério Andrade e da empregada doméstica Maria das Graças. Um minuto e 33 segundos trataram da questão da escassez de transportes públicos como a principal causa do problema. Vinte e quatro segundos apontavam o stress como uma das principais conseqüências dos engarrafamentos. Aumentar a linha do metrô foi uma das soluções e para essa parte destinou-se 28 segundos, um superintendente de operações passou 25 segundos dando explicações sobre o caso.

Para *Vida e morte no engarrafamento*, 7 minutos e 34 segundos trataram exclusivamente da história de Luiz Paulo Ferraz, que perdeu sua esposa no caminho do hospital. Oito segundos cobriram o engarrafamento como a principal causa. Outros 21 segundos falaram da morte como uma das conseqüências do trânsito tumultuado. Trinta segundos foram reservados a um especialista. Em *Aventura nas ruas*, o caminhoneiro Luiz Faustino e a estudante Tamires de Souza ocuparam juntos 3 minutos e 51 segundos da programação. Um minuto e sete segundos mencionaram o stress como uma das principais conseqüências dos longos engarrafamentos de São Paulo. Um psicólogo falou sobre stress durante 16 segundos. *Loucuras no trânsito* destinou, precisamente, seis minutos e dez segundos para contar as histórias da secretária Sayde e do casal Pedro e Lucineide Leão. Dois minutos e dez segundos foram cedidos a um psicólogo.

Primeiramente é preciso expor e deixar registrado aqui a dificuldade em identificar os elementos sujeitos nas tabelas acima, em especial em notas peladas. Em geral as matérias não preenchem a todos os campos, isso complica a identificação desses elementos, uma vez que se prevê uma seqüência lógica na construção da notícia, ou seja, dos acontecimentos.

Do total de tempo destinado as duas edições do *Globo Repórter*, 1 hora, 30 minutos e 56 segundos discorreram sobre a história de personagens. Sobre causas foram 4 minutos e 31 segundos e 2 minutos e 36 segundos cuidaram das conseqüências, enquanto 1 minuto e quatro segundos tratou de soluções. Três minutos e 44 segundos foi o tempo total destinado a especialistas, o restante do tempo foi destinado a outros elementos de construção da notícia que não constam nesse estudo. Diante desses resultados torna-se possível afirmar que, nesse caso, a narrativa do personagem se opõe consideravelmente à informação.

5. Uma Breve Comparação Com o Jornal Nacional

A idéia de fazer um jornal em rede nacional, como os que já existiam nos Estados Unidos, gerou em princípio, receio entre os diretores da *TV Globo*. Era a primeira vez que se fazia tal investida no país e essa criava riscos imprevisíveis. Em 1969 a empresa criou a capacidade operacional de transmissão em rede. De acordo com o projeto *memória Globo*, criado com o objetivo de preservar a história de todos os veículos dessa organização, de cada dez aparelhos de televisão ligados a noite, sete estão sintonizados no *jornal Nacional*. Segundo o projeto a única explicação para tal fenômeno, raro em termos mundiais, é confiança depositada pelos telespectadores na qualidade das informações que lhe são transmitidas diariamente.

Ele foi o primeiro a ir ao ar em rede nacional no Brasil e teve seu primeiro programa veiculado em 1º de setembro de 1969, às 19h45 nas figuras dos então apresentadores Cid Moreira e Hilton Gomes. Sintetizado em princípio com a expressão “*É o Brasil ao vivo aí na sua casa*” e com duração inicial de apenas 15 minutos, o jornal já se diferenciava naquela época por possuir um formato testemunhal com depoimentos dos entrevistados. O que diferenciava o *Jornal Nacional* era, segundo Nogueira in Zahar (2004), o som direto. Além dos depoimentos citados como ferramentas testemunhais, o programa possuía ainda imagens das entrevistas e para cobrir o áudio do locutor.

Munida de equipamentos pesados, que dificultavam a agilidade da cobertura de matérias externas, e com o suporte técnico de cinema, o então filme de 16mm, a equipe teve grandes dificuldades nas primeiras edições do programa. Além do problema de locomoção não só pelo peso, mas pela quantidade de adendos dos equipamentos e o espaço que ocupavam, o trato com a tecnologia de cinema exigia paciência e agilidade porque cada filme permitia duração máxima de apenas dez minutos. Depois do contrato fechado com a Empresa Brasileira de Telecomunicação (Embratel) que criou a capacidade de operação em rede a coisa mudou e hoje o jornal que irá completar no próximo mês de setembro 37 anos de existência foi lançado, na época lançado para competir com o *Repórter Esso* da *TV Tupi*, é tido hoje pela *emissora Globo de Televisão* como o programa de maior audiência na história da televisão brasileira.

5.1. Jornal Nacional - Edição exibida em: 06/04/06

Bloco	Personagens/ Narrativa	Causas	Conseqüências	Solução	Especialista
Nova versão do Evangelho Segundo Judas	Narrativa da notícia: 1'19"	Nova versão sobre novo testamento: 36"	Judas não seria um traidor: 33"		Historiadores: 17"
O pioneiro do Programa Espacial Russo	Alexei Leonov: 32"				
Tirroteio em Copacabana		Tentativa de assalto: 15"	Duas pessoas morreram e seis ficaram feridas: 1'		
Malária aumenta muito no Acre	Raimundo Nonato – Diarista: 11" Gorete Xavier – Dona de casa: 15" Janete Lima Leite – Dona de casa: 8"	Construção de açudes para o abastecimento de água nas cidades: 17"	Aumento de 600% do número de casos da doença: 13"	Operações especiais dos agentes de endemia no combate a malária: 13"	
Desafio para atender demanda de álcool		A preferência pelo carro bicombustível: 20"	Dificuldade em abastecer os mercados interno e externo: 38"	Instalação de novos pólos produtivos de açúcar e álcool: 33"	Ministro da agricultura: 12" Professor da Unicamp: 7"
A Mais nova fatia da pizza no Congresso	Dep. Júlio Bernardo: 13" Dep. Jutahy Júnior: 15" Dep. Cesar Schirmer: 23"	A decisão de absorver o Dep. João Paulo Cunha: 1'02"	O afastamento de 9 deputados do Conselho de ética da Câmara: 40"		
PT discute anulação de relatório	Sen. Idely Salvatti: 9" Dep. Osmar Serraglio: 13" Dep. Delcídio Amaral: 9"	Tentativa de anular a sessão que aprovou o relatório final da CPI dos Correios: 41"	O relatório será entregue à presidência do Senado, ao Ministério Público e à Polícia Federal...: 45"		
Ministro se dispõe a dar explicações	Sen. Jorge Agripino: 5" Sen. Álvaro Dias: 5" Sen. Tião Viana: 4"	A quebra de sigilo do caseiro Francenildo: 7"	Márcio Thomas Bastos justifica a participação de seus assessores: 25:	A PF pode tomar outro inquérito de Pallocci antes de fechar o inquérito: 17"	

Bloco	Personagens/ Narrativa	Causas	Conseqüências	Solução	Especialista
Ronaldinho Gaúcho relembra grandes dribles	Ronaldinho Gaúcho: 1' 30"				
Aumentam os golpes na Internet	Flávio Lima - Administrador: 18"	Armadilhas se multiplicaram: 40"			Advogado: 8"
Anvisa determina apreensão de falsificação de vacina contra gripe Fluorix				Anvisa determina apreensão da vacina contra a gripe, Fluorix: 18"	
Aposentados e pensionistas ganharão reajuste de 5%		Recebem mais de um salário mínimo: 3"	São mais de 8 milhões em benefício: 15"		
Governo anuncia verba para produtores agrícolas				Verba para ajudar os produtores agrícolas: 27"	
Dólar e preços caem, mas álcool tem a maior alta em três anos		Sucesso do carro bicombustível: 20"	Abastecimento interno e externo de álcool: 10"		
Decisão do STF anula condenação de uma juíza em Belém		Desembargadora acusada de peculato: 24"	Anulada decisão do STF: 4"		
Jovem brasileiro conquista título mundial de natação	Caio Marcos Almeida: 21"		Medalha de ouro no campeonato de nado borboleta em Shangay na China: 3"		
Dois garimpeiros são mortos em reserva indígena em Rondônia		Confronto entre índios e brancos que trabalhavam na exploração ilegal durante a madrugada: 13"	Dois garimpeiros foram mortos: 10"		
Exército brasileiro prende colombianos suspeitos de fazer parte das Farc		Por serem suspeitos de pertencerem as Farc: 13"	Dois colombianos foram presos: 7"		

Bloco	Personagens/ Narrativa	Causas	Conseqüências	Solução	Especialista
Milhares de pessoas protestam contra três assassinatos, em Caracas		Protesto contra o assassinato de 3 irmãos adolescentes: 8"	Manifestantes bloquearam as ruas e um fotógrafo foi assassinado: 17"		
No Paraná, polícia prende duas mulheres acusadas de transportar crack		Usavam acessórios dos filhos para transportar Crack: 44"	As crianças foram entregues aos pais e as mães vão responder por tráfico de drogas: 4"		
Rússia anuncia que vai doar ao Brasil cápsula que trará Marcos Pontes à Terra		Trará Marcos Pontes à terra: 5"	Será doada ao memorial aeroespacial: 20"		
No Mar Vermelho, 69 pessoas morreram e 20 ainda estão desaparecidas num naufrágio		A embarcação de madeira carregava mais de 230 pessoas: 7"	69 pessoas morreram: 6"		
Encontrados fosses que podem explicar transição da vida aquática para terrestre			Pode ser a explicação para transição da vida aquática para a vida terrestre: 27"		
Bush é acusado de vazar informações secretas	Lewis Libby: 10" Bush: 10"	O presidente Busch teria autorizado o vazamento de informações: 23"	Acusado de utilizar informações privilegiadas para proveito político: 12"		
Giuliani testemunha em julgamento de Zacarias Moussaoui		O atentado de 11 e Setembro: 24"			
Protestos contra lei do primeiro emprego completam um mês		Lei do Primeiro Emprego: 10"	Bloqueamento da principal estação do metrô de Paris: 5"		
Testes descobrem vírus da gripe aviária em cisne morto na Escócia		Vírus da Gripe Aviária em cisne morto na Escócia: 9"			

Tabela 3 – Edição / Jornal Nacional Exibido em 06/04/2006

A tabela acima permite observar que o *Jornal Nacional*, quando colocado diante da pesquisa levantada, embora não descarte a importância do personagem para a construção de suas notícias, nesse episódio, entre os elementos observados, o item mais importante foi consequência, o que resulta em 16,7% do tempo total do programa. Para os personagens representou 10,7% contra 15,9% para causas, 3% para soluções e 1,6% para especialistas. Outros elementos, também utilizados para construção da notícia no telejornalismo, que não tratados nessa pesquisa, somados, resultam em 52,1% do tempo do jornal.

5.2. Comparação entre os Gráficos

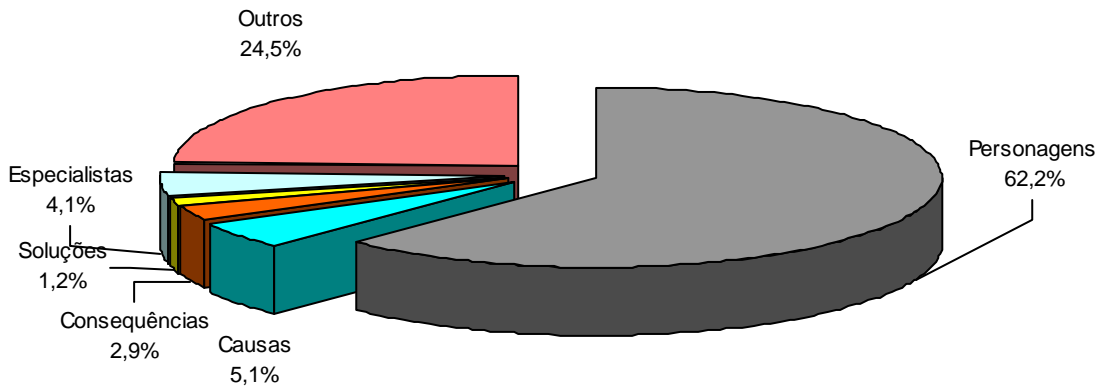


Figura 1 – Porcentagem de tempo das duas edições do *Globo Repórter*.

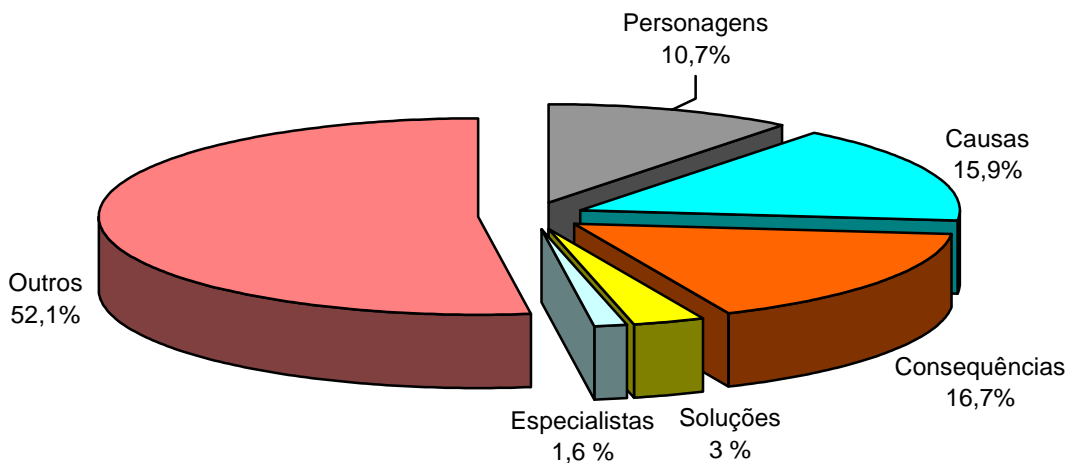


Figura 2 – Porcentagem de tempo dos elementos de uma edição do Jornal Nacional

Os gráficos acima conduzem à percepção de que, o tempo em que se trata do personagem no *Globo Repórter*, programa que se auto denomina jornalístico e que se propõe tratar de único assunto por edição, é exageradamente maior que o tempo dedicado ao mesmo elemento no *Jornal Nacional*, que possui formato para tratar de diversos assuntos em por edição e que dessa forma não supõe aprofundamento nos assuntos tratados. Da mesma forma é possível notar grande diferença, entre os programas citados, dos tempos destinados aos campos causas e conseqüências, isso também permite identificar a informação em detrimento do personagem, assim também ocorre nos campos soluções.

6. Conclusão

Sem desprezar o fato de que o programa jornalístico *Globo Repórter* se propõe tratar de um único tema por episódio, que apenas uma edição do *Jornal Nacional* foi analisada e ainda que em nenhum dos programas tenha sido possível o preenchimento de todos os campos levantados pela pesquisa, ao traçarmos um paralelo comparativo entre os blocos de ambos os programas é possível afirmar que o *Jornal Nacional* possui mais conteúdo informativo e em menor espaço de tempo que o *Globo Repórter*. Dessa forma, pode-se concluir que o uso de elementos da narrativa, nesse caso do personagem, deturpa o conteúdo informativo e, portanto afeta a qualidade da notícia. Isso pode ser observado quando constatado que duas edições do *Globo Repórter*, que somadas ocupam 90 minutos de programação, possui menos conteúdo informativo que uma única edição do *Jornal Nacional*. Esse fator pode ser explicado devido ao formato que o primeiro apresenta, destacando o personagem em detrimento da informação. Isso não quer dizer que o *Jornal Nacional* também não faça uso da narrativa como valor notícia e sim que no do programa objeto do estudo de caso desse trabalho, esse fator é notado como notável diferença.

Referências

TRAQUINA, Nelson. Teorias de Jornalismo: A Tribo Jornalística - Uma Comunidade Interpretativa Transnacional. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

PEREIRA JR, Alfredo Eurico Vizeu. Decidindo o que é Notícia: Os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MEDINA, Cremilda. Notícia: Um Produto à Venda – Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

FILHO, Ciro Mancondes. O capital da notícia: Jornalismo como produção social de segunda natureza. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

VASQUEZ, Regina. *O Meio de Comunicação de Massa Visto por Dentro*. In: VERNTE, Marcello (Org.). Manual de Comunicação e Meio Ambiente. São Paulo: Peirópolis, 2004, p. 33-46

SILVESTRE, J. Como vencer na televisão. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ZAHAR, Jorge. Jornal Nacional: A notícia faz história. Rio de Janeiro: Geográfica, 2004.

WILSON, Carlos. *Televisão Vencendo Resistências*. In: VERNTE, Marcello (Org.). Manual de Comunicação e Meio Ambiente. São Paulo: Peirópolis, 2004, p. 59-68

Site da Globo:

Globo Repórter, 2006. Disponível em:

<http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGR0-2698,00.html>. Acesso em 07 mai.2006, 15:34.

EGYPTO, Luiz. Quem são os donos da mídia no Brasil, 2005. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/cadernos/cid240420021.htm>. Acesso em 08 mai. 2006.

CANAVILHAS, João. O domínio da informação espetáculo. Biblioteca on-line de ciência da comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>>. Acesso em 05 mai. 2006.

SALOMÃO, Mozahir. A Narrativa como Valor -notícia. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=289DAC001>>. Acesso em 02 mai. 2006.

Anexo A

**Roteiro Globo Repórter – Episódio *A Caminho do Trabalho* exibido em:
17/03/06**

Lição no trem

A música faz parte dos momentos que Antônio Marcos Araújo dedica toda semana à Igreja Batista. Ele é evangélico, mas o jeito sereno não revela nem de longe o corre-corre que enfrenta no dia-a-dia. É um sobe-desce-senta... E muita paciência para esperar. Esperar o ônibus, o trem, o metrô, mais outro ônibus. Uma maratona para ir trabalhar.

Todos os dias é a mesma corrida contra o relógio. Só na Grande São Paulo, são 8,5 milhões de trabalhadores tentando vencer no menor tempo possível a distância entre a casa e o trabalho. Mas essa é uma corrida cruel, não tem vendedores - só perdedores. Hoje, quem usa transporte coletivo na região gasta em média uma hora para chegar ao emprego e outra para voltar.

A jornada de Antônio Marcos começa cedo. Pai de dois filhos, ele toma café da manhã com a família. No emprego, uma longa lista de tarefas já o espera. Ele é técnico em manutenção num hotel em São Paulo. Eletricidade, encanamentos, faz um pouco de tudo. Mas para chegar até o local, Antônio Marcos fica no trânsito o dobro da média dos habitantes da Grande São Paulo. Contando ida e volta, são quatro horas por dia.

O que Antônio Marcos inventou para aproveitar todo esse tempo? Ele carrega o segredo embaixo do braço. Já na primeira parada, abre o livro de música e estuda compasso por compasso. "E isso é só o começo", lembra.

Depois do primeiro ônibus, ele pega o trem. Antônio Marcos diz que é muito difícil perder o bom humor. Mas em horários de muito movimento, ele define bem como se sente: "Uma sardinha na lata!".

No trem, a lição é outra. Antônio Marcos estuda inglês sem professor, por conta própria. Os livros são emprestados de um amigo. Pouco a pouco, de condução em condução, ele vai aprendendo. E garante que já aprendeu bastante coisa e até consegue conversar com os hóspedes do hotel. "Dá para eu entender e eles compreenderem. Tudo 'by trem'", brinca.

Depois do trem, Antônio Marcos pega o metrô na estação mais movimentada de São Paulo, a do Vale do Anhangabaú. Finalmente ele consegue sentar. "O trecho é bem

pequeno", diz Antônio Marcos, que nem consegue tirar uma soneca, sob pena de perder a estação.

Ao sair do metrô, anda mais um pouco até o ponto de ônibus e toma a última das quatro conduções que vai finalmente deixá-lo no hotel.

E não é que o Antônio Marcos já está usando o que aprendeu? Prova que esforço e determinação sempre dão resultado.

Amiga bicicleta

A maior cidade do país não pára nunca! A Grande São Paulo tem 39 municípios. São 18 milhões de habitantes que vão e vêm o tempo todo. O resultado é um trânsito de amargar. E lá vai o microempresário Nilson Ferreira de Souza, pondo sua paciência à prova, logo cedo. Desde que foi adotado o sistema de rodízio de placas na cidade de São Paulo, em 1997, ele dá carona para quem não pode circular: uma amiga, o cunhado, a irmã. O percurso, é claro, fica muito maior, mas ele não se importa. "A gente se acostuma, não tem outro jeito", conforma-se Nilson.

O rodízio de placas funciona nos dias úteis, nos horários do rush, na parte central da cidade. Com ele, o fluxo de veículos nessa área fica 20% menor. Mas mesmo assim... "O trânsito é muito ruim", reclama Nilson.

São mais de 5 milhões de veículos, só na capital. São Paulo tem a maior frota do país, o que está faltando é espaço para ela se mover. Os congestionamentos são enormes. Os motoristas têm os nervos à flor da pele. De quebra, o que se respira é um ar muito poluído, carregado de fuligem e ozônio - um veneno para os pulmões. Mas será que existe outro caminho?

O médico Paulo Saldiva acredita que sim. Chova ou faça sol, ele vai trabalhar de bicicleta. Professor na Faculdade de Medicina e coordenador do Laboratório de Poluição Atmosférica da Universidade de São Paulo (USP), ele diz que seu papel é informar as pessoas do risco que estão correndo.

"Quando chegamos à conclusão de que os níveis de poluição na cidade de São Paulo e nas outras capitais brasileiras estão tirando entre um a dois anos de expectativa de vida das pessoas, é óbvio que temos que avisar", alerta Saldiva.

E ele é rápido! São seis quilômetros em 15 minutos. Muito menos do que ele levaria de carro. "Para ir à faculdade e voltar, levo, em média, um terço do tempo. Então, eu acho que isso é uma coisa legal, que deveria ser estimulada e não tratada como uma excentricidade", diz Saldiva.

Não é uma moda de verão. O professor abandonou o automóvel há 33 anos. Vai de short e capacete, e na mochila leva uma roupa para usar depois do banho, na faculdade. Além de não poluir, ele conta quanto economiza.

"A manutenção da bicicleta é zero. Eu não estou falando de IPVA, nem de seguro obrigatório. Estou dizendo que andar de bicicleta representa um aumento do meu salário efetivo no final do ano", afirma. Ou seja, ao invés de gastar dinheiro, ele ganha. E ainda ressalta: "Não preciso ir para a academia".

Mas não é moleza. Em alguns momentos, pedalar exige muito esforço. O resultado são 35 quilos a menos, como mostram as fotos de um período em que ele não pôde pedalar e voltou ao carro.

O especialista em ambiente sabe que a contribuição dele para reduzir a poluição da metrópole é pequena. Mas afirma que andando de bicicleta ele próprio fica menos exposto. "As concentrações de poluição dentro dos carros, por causa da dispersão, são da ordem de duas a três vezes a da calçada, se você não tiver um ar-condicionado bem regulado. Além disso, o tempo que eu fico exposto é muito maior. Eu respiro quase dez vezes mais poluição no carro do que se eu andar de bicicleta." Enquanto pedala, o professor sonha com mudanças. Para ele, a vida em São Paulo seria muito melhor se houvesse ciclovias interligando as principais regiões da cidade, grandes corredores feitos para o trânsito de bicicletas e estacionamentos específicos. Ou seja, a bicicleta levada a sério como meio de transporte. "Se alguém me convencer que cheirar cano de escapamento de carro faz bem, eu dou um Prêmio Nobel. Mas, até agora, todas as evidências são em contrário", constata Saldiva.

Idéias em trânsito

Em casa, inquieta, ela se prepara. Um longo dia está para começar. A cobradora Sonia Silva não pára nem na hora de ir para o trabalho. Mas é no ponto de ônibus que se percebe: não se trata de uma pessoa comum. "Sou seu fã!", grita um rapaz que passa de carro.

"Eu sou famosa mesmo! Ai, meu Deus...", surpreende-se a cobradora. Fama construída em trânsito. Por onde passa, Sonia é reconhecida. E o caminho não é curto. De casa, na Zona Oeste, para o trabalho, no Centro da cidade, são duas horas de ônibus. Tempo de sobra para pensar em como a vida dá voltas. "Nada acontece por acaso. Quando eu era bancária, trabalhava das 7h às 13h. Depois, ia malhar. Trabalhar de cobradora foi uma guerra, eu briguei muito comigo. Tive que dar um jeito de escrever no ônibus", diz Sonia. Perder tempo não faz parte do roteiro de Sonia. Os papéis na mão dela são histórias que ela carrega pela cidade. Fragmentos do sonho de ser escritora. Rabiscos que vão tomando forma antes de o fim da linha chegar. "Eu escrevi uma crônica meio rabiscada. Depois, quando eu organizei as idéias, achei excelente. Graças a Deus, eu sei escrever, tenho idéias. Senão, ia entrar em parafuso! Graças a Deus, tem uma escritora aqui dentro", comemora Sonia. Persistência para alcançar o objetivo. O tempo que falta, ela cria. O almoço é rápido, na calçada. O expediente como cobradora de ônibus já vai começar. Mas a imaginação dela não sossega. Nas voltas que o ônibus dá, Sonia aproveita o mundo que passa pela janela, as pessoas que circulam, as pequenas histórias que acontecem dentro do coletivo e que quase ninguém vê. Pois ela percebe tudo e ainda anota numa folha de papel. Da cadeira da cobradora já nasceram três livros. E ela ainda quer se aventurar em viagens bem mais longas.

Três histórias infantis - "O anjo de chocolate", "Arroz e feijão em missão especial" e "Animais sim, irracionais nunca" - são vendidas de mão em mão para quem tem a sorte de encontrar Sonia pelo caminho.

Mas não é fácil transformar talento em dinheiro. A escritora insiste. Inspiração não falta.

"Uma senhora estava conversando com outra, falando mal de alguém, e esse alguém estava dentro do ônibus. Não saiu pancadaria, mas foi um bate-boca! Dá uma boa história. Estou compilando. Adoro essa palavra!", diz a cobradora.

A janela do ônibus vira uma tela. A escritora ambulante sonha com as histórias dela aparecendo um dia na TV. Ela tem um esboço do primeiro roteiro - novela da vida real. Passou por Sonia, virou personagem. "Tem marido traído, mulher desconfiada", conta.

No coração da cobradora, um livro aberto. Páginas em branco que, aos poucos, são escritas sem que as pessoas percebam. Nos papezinhos que ela carrega, um pouco dos desconhecidos, dos amigos... Um pouco dela mesma.

A cobradora lê trechos da crônica "O trabalhador brasileiro": "O trabalhador brasileiro não tem capa nem punhos de aço. Olhos de raio-x? Nem pensar! Não é superdotado nem formoso. Não recebeu de Deus o poder de voar. Pode não ser um super-herói, mas leva uma vida heróica. Olhe para mim. Olhe para você, trabalhador, e sinta-se o verdadeiro herói brasileiro!".

"Fiz tudo baseado em um pouco das pessoas que viajam comigo e um pouco do que eu estou passando. Eu saio de casa às 9h30min, tenho que pagar minhas contas, tenho um filho para educar! No papel, eu coloco tudo que fica preso, o que pode fazer mal e o que não pode. É a minha arma!", explica Sonia. "A próxima parada é nas livrarias", promete.

Festa no ônibus

Todo dia ele faz tudo sempre igual. E os passageiros do transporte coletivo também. No sobe-e-desce dos ônibus de cada dia, o sentimento provocado pelas filas pode ser torturante quando a pressa tenta compensar o atraso. E não tem como esconder.

"Estou há mais de 20 minutos esperando um ônibus", reclama o auxiliar de serviços gerais Cristiano Medeiros.

"Ônibus lotado é ruim", completa a estudante Dieine Rodrigues.

O pior de uma viagem é o sentimento sobre ela: o tempo gasto para se chegar onde se quer não é de produtividade, muito menos de lazer. E ainda por cima é preciso pagar.

O cobrador Agilberto Quiroz, de 72 anos, também anda de ônibus. O dia começa cedo para ele. Acorda às 4h30min. Antes de sair para o trabalho, o "dono de casa" lava a louça, se arruma, passa perfume, pega a bolsa e parte para mais um dia.

Acordar de madrugada, como muita gente acorda todos os dias, e espantar o sono e a preguiça não é fácil. Poucos humores resistem. Ainda mais se para chegar ao destino é preciso viajar em pé. Mas quem embarca no ônibus da linha C2, mesmo quando ele está lotado e quente, não consegue ficar de cara fechada.

Nele, seu Agilberto, é conhecido como "Melancia". E ele conhece todos os passageiros da linha C2.

"Quando a gente acorda meio triste, é só conversar com ele que o dia fica feliz", comenta uma passageira.

Entre um troco e outro ele transforma em festa e alegria a viagem de 40 minutos pelo centro de Porto Alegre. "Só tem mulher bonita. E todas as bonitas são gremistas", brinca seu Agilberto.

Enquanto os passageiros se divertem, seu Agilberto guarda em casa uma coleção de fotografias que lembram a história do cobrador que ficou famoso porque um dia resolveu organizar a festa de aniversário de uma passageira. Ele ainda se lembra do que ela disse: "Amanhã é o dia mais triste da minha vida. É meu aniversário e eu não conheço ninguém em Porto Alegre".

Melancia resolveu tudo. Arrecadou dinheiro, e a passageira solitária ganhou uma festa-surpresa dentro do ônibus. Depois foram dezenas, centenas de outras festas. Há 20 anos ele comemora o aniversário de cada um dos passageiros dentro do ônibus.

"Ele é muito querido", elogia a atendente de creche Marli Teixeira.

Melancia se diverte brincando com todos. Uma intimidade que permite usar até o santo o casamenteiro. Os passageiros adoram.

"Eu sou fã número um do Melancia. Estou fazendo administração e ele é um exemplo de clima organizacional dentro do trabalho. Esse homem transforma as viagens, quebra a rotina", comenta a universitária Maria Helena Santos.

No dia em que a equipe do Globo Repórter pegou carona no ônibus também teve festa. Só que era para ele. Melancia comemorava 20 anos como cobrador da empresa. O capricho nos detalhes revela o carinho que os passageiros têm pelo gremista fanático.

Torta para todos. Ele adora proporcionar mais esse carinho. A viagem continua e, se um dia você for a Porto Alegre, quem sabe tenha a sorte de embarcar nesse ônibus? E se estiver de aniversário, também vai ganhar festa!

Van da alegria

Imagine que você chegou a Fortaleza. Na capital do Ceará também tem muita diversão no meio do trânsito. O transporte alternativo de Fortaleza é formado por 320 veículos que circulam por toda a cidade. Olhando de fora, todos parecem iguais. Mas quem utiliza a lotação sabe que a rotina na linha 55 é bem diferente. As histórias que já aconteceram lá dentro inspiraram até um programa de rádio.

A idéia foi de um grupo de estudantes passageiros. "A gente faz não como uma crítica, mas uma tentativa de relatar o que a gente passa no dia-a-dia para ir da faculdade para casa e da casa para a faculdade", explica o estudante universitário Augusto Castro.

Quanto sufoco! E quanta conversa! Segredo, dentro da van, nem pensar. Pode sair no rádio. "Nós criamos personagens engraçados para dar um tom de humor. Tem o bêbado, o travesti, a mulher que fica reclamando o tempo inteiro", conta a estudante universitária Natália Ivo.

Começou como um trabalho acadêmico e virou programa líder de audiência. "Eu pego ela todo dia, é mais ou menos assim", confirma a estudante Juliane Mendonça. "É a cara do cearense", acrescenta o almoxarife Elton Pinto de Sousa.

Quem mais se diverte é o cobrador. Crispim, é um dos personagens dessa radionovela. Bem humorado, brincalhão, exatamente como na vida real. O tratamento vip faz o espaço dentro da van ser cada dia mais concorrido.

"A gente sabe que ele tem estresse, mas não expressa. Ele está sempre simpático", elogia a revisora Cristina Tarciso, que trocou o ônibus pela van 55 para chegar mais disposta à gráfica onde trabalha.

"Esse é o meu objetivo: quero que todo mundo desça feliz, chegue ao trabalho sorrindo", diz Crispim.

E olha que do começo ao fim, a viagem é apertada. "Fica lotada às 6h, quando eu vou para a aula. Ave Maria!", ressalta a estudante Suiane Alencar.

Quando o programa de rádio sai do ar, Crispim tem outra fórmula para animar os passageiros: incentiva todos a cantar.

A van da balada cruza a cidade neste ritmo. "É a melhor van de Fortaleza, não existe nenhuma outra igual", garante a vendedora Iracema Noronha.

Café da manhã a bordo

Olhando, ninguém acredita que os passageiros da linha 1134 estão indo para o trabalho. Eles ficam duas horas e meia juntos, no transporte, todos os dias. Haja animação para enfrentar uma viagem de quase 80 quilômetros, da Zona Oeste do Rio para o Centro da cidade. E para manter o alto-astral logo bem cedo, a turma alegre repete, há dois anos, o que já é tradição em outros ônibus que rodam pelo Brasil: um café da manhã a bordo.

Cada um leva um pouco de casa, e a festa vai se formando. Meio tímido, Julio César olha de longe a bagunça. Será que tem vaga para ele?

"Vai ter que trazer café da manhã", condiciona uma passageira.

Já são mais de 80 banquetes sobre rodas. Um carnaval! Festa o ano inteiro: aniversário, Natal, Ano Novo...

Para a semana que vem, o corredor do ônibus já está reservado. Tem passageiro novo chegando por aí.

"Vai ser um chá de bebê", anuncia uma passageira.

A administradora Érica Medeiros diz que nunca sonhou com um evento como esse dentro do ônibus. "É legal porque eu ganho fralda!", comemora.

A festa da linha 1134 tem efeitos duradouros. Os passageiros contam que a chegada ao trabalho é animada.

A festa vai acabando quando cada um chega ao seu destino. No corredor do ônibus ficaram os confetes e as serpentinas. Provas de que os momentos da ida e volta do trabalho podem ser bem diferentes até quando o espaço é pequeno.

Pedalar é preciso

Quando o galo canta em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, a família Rossi já está em volta da mesa. O dia nem raiou e o tempo já é curto. Beijo nos filhos e no marido. Duas moedas. Não. Não são para a passagem. Aliás, nas ruas do bairro Figueira, não passa ônibus. Não passa van. Não passa nem chance de carona. O único transporte disponível está encostado no muro: a bicicleta. É pedalando, com cara de sono e desviando da lama, que a recepcionista Ângela começa sua longa jornada em direção ao trabalho.

"Todo dia é assim. Eu queria mesmo um ônibus que chegasse até aqui, um meio de transporte mais fácil", diz ela.

Mais gente de bicicleta vai aparecendo nas ruas. A primeira parte da viagem chega ao fim em um estacionamento diferente. Lembra das moedas? São para vaga no bicicletário. E tem vários na rua. Uma espécie de ponto de encontro de gente que não tem escolha.

Em Duque de Caxias, 20 mil pessoas usam a bicicleta em pelo menos um trecho da ida e volta do trabalho. E pelo menos 15 mil trabalhadores poderiam ter condução menos desgastante se ganhassem o vale-transporte.

As bicicletas não representam só o esforço de gente que segue todo dia para o trabalho. Cada uma delas é sinal também de um direito que ficou para trás, uma espécie de jeitinho inventado por algumas empresas para economizar dinheiro. Quem perde de verdade é quem precisa pedalar para continuar empregado.

A obrigação é das empresas: fornecer o vale-transporte para todas as conduções necessárias. Mas um trabalhador revela: o que era direito virou ameaça. Ele descobriu isso no dia da entrevista no setor de pessoal. Sem se identificar, ele conta quando começou a ficar preocupado: "Na hora em que eles falaram que eu só poderia pedir uma passagem. Eles disseram que eu teria que dar um jeito de cortar uma das passagens. Se eu tivesse alguma maneira de retirar isso, a vaga seria segura". Ele, que precisaria de dois ônibus para chegar ao trabalho, teve que mentir para conseguir a vaga.

O bicicletário lotado não é prova, mas é evidência. Nenhuma denúncia foi feita. Nenhuma empresa multada por essa espécie de truque que reduz a cota do vale-transporte. A história de Ângela é diferente. Duas horas depois de ter saído de casa, usando três conduções, ela finalmente chega ao trabalho, com todas as passagens pagas. Não foi fácil encontrar patrão disposto a cumprir a lei.

"Eu tive sorte de ter o vale-transporte, porque nem todas as pessoas recebem. A maioria tem que tirar do seu bolso para pagar a passagem", diz Ângela.

"O meu direito seria pegar um ônibus de casa ao trabalho e do trabalho para casa", conta o trabalhador não-identificado.

Balé sobre duas rodas

Dramas do Brasil urbano. Bem longe das fábricas, a história de outra brasileira nos revela que pedalar é preciso. É a força das pernas que transporta a professora de dança Ciça Rodinelli para o trabalho. Ritmo, equilíbrio, leveza entre os ônibus. Perigo? Que nada. Momentos de puro prazer para a professora. "Isso é melhor do que sexo!", garante.

As pedaladas que a levam para a escola de dança se repetem na sala de exercícios. Poderia ser só mais uma pessoa de bem com a vida, aproveitando a ida e a volta para o trabalho para fazer exercícios. Mas todo esse esforço não é em busca de uma vida mais saudável. A bicicleta, enferrujada, era da mãe. Estava jogada num canto da garagem. Foi promovida pela bailarina a principal meio de transporte depois que ela passou por perigos que só via nos jornais.

"Antes eu só andava de ônibus. Troquei pela bicicleta por medo de assalto. Fui assaltada quatro vezes", conta Ciça.

Na memória da bailarina, bandidos armados, passageiros assustados, sensação de impotência. Mais um número na estatística. Só no ano passado, 7,4 mil assaltos a ônibus foram registrados no estado do Rio. Hoje, Ciça se sente melhor "entre" os ônibus do que "dentro" deles.

Ela diz que assim pode fugir se vir algum perigo. "Se o ônibus for assaltado, você não tem como sair!", ressalta a professora, que se diz traumatizada.

Sonho interrompido

Entre as idas e vindas do trabalho, elas estão lá: legalizadas e clandestinas. Transportam 600 mil pessoas por dia, só no Rio de Janeiro. Ocupam o espaço deixado pelos ônibus, que se atrasam e rodam lotados. As vans já fazem parte do dia-a-dia do trabalhador.

Uma van clandestina pode oferecer mais conforto ou rapidez. E a segurança? As mãos do técnico em patologia Leandro Floro tremem quando ele chega perto de um trecho da Linha Vermelha, no Rio de Janeiro. É a primeira vez que ele volta ao local, um ano e meio depois.

"Ficou gravado na minha memória. Eu não conseguia me comunicar com ninguém porque sentia muita dor. Imaginava que tivesse morrido porque eu escutava vozes de vítimas falando que 'ele' morreu. Mas era uma com outra vítima, não comigo!", conta Leandro.

A mãe de Leandro, dona Eronilda Floro, não esquece as horas de preocupação que viveu naquele fim de tarde. O filho estava demorando demais. "A gente estava esperando a chegada dele à noite e já estava passando da hora", diz ela.

Era um dia especial – o primeiro no novo emprego. Leandro queria chegar logo em casa para contar as novidades. "Olhei para o ônibus e para a van. Preferi vir de van, porque é mais rápida. O meu erro foi querer chegar muito rápido em casa", lamenta Leandro.

A van pirata estava lá, de portas abertas, esperando por ele. Leandro foi seduzido pela oportunidade. Para cada van legalizada no Rio de Janeiro, existem quatro vans piratas disputando passageiros nos pontos de ônibus. Cerca de 28 mil veículos-fora-

da-lei. Mas esta é só uma estimativa do sindicato de vans legalizadas. Na verdade, ninguém sabe ao certo quantas andam por aí. A única certeza é a de que esse número está crescendo.

Dona Eronilda conta que sempre orientou o filho a andar de ônibus, nunca de van. "Maldita hora que o Leandro pegou essa van!", diz ela.

"Eu me lembro de tudo: os carros buzinando, o Corpo de Bombeiros vindo para o resgate. Segundo o motorista, ele foi fechado. Então, a van começou a ficar descontrolada e veio rodando. Aí, quando se aproximou da mureta, ela bateu e capotou. Daí foi o desespero, o pânico", descreve Leandro.

O acidente virou manchete no jornal. A van escolhida por Leandro era clandestina. Capotou em alta velocidade, deixando três mortos e 16 feridos. Leandro bateu a cabeça com força. Um parafuso de metal na coluna travou a carreira do auxiliar de enfermagem.

Limitado pelo acidente, Leandro agora procura justiça. De acordo com as leis brasileiras, o ato de trabalhar começa ao sair de casa e só acaba quando retornamos ao lar. Por isso, o que aconteceu com Leandro é considerado acidente de trabalho.

A contagem é do governo: de cada cem acidentes com trabalhadores, 13 acontecem durante o trajeto de ida ou de volta para casa. Agora, Leandro tenta receber na Justiça o pagamento do seguro obrigatório a que todos têm direito quando sofrem um acidente de trânsito. Ele precisa provar que não pode mais trabalhar.

Hoje, Leandro passa os dias em casa. Qualquer esforço em excesso multiplica as dores que ainda sente no pescoço. Ele não pode carregar peso maior do que um quilo. Emagreceu, e lembra com tristeza do que já foi a maior alegria da sua vida.

Ao todo, Leandro demorou três anos para conquistar o jaleco. "E de uma hora para outra tiraram esse meu direito. Infelizmente, agora minha profissão está no armário", diz ele.

Arrependimento. Tragédia. Erro ou puro azar? De certeza mesmo, ficaram as marcas – no corpo e na alma. "Noto muita tristeza dele e minha também. Porque uma mãe não quer ver o filho prejudicado para sempre. Ele nasceu em perfeito estado e, quando acaba, hoje em dia está um menino a bem dizer inútil. Não pode mais ter aquela vida que tinha, cheio de sonhos para trabalhar. Se eu pudesse colocar a coluna dele no lugar... Mas eu não sou Deus para fazer isso", desabafa dona Eronilda.

"Até o dia 6 de setembro eu era um Leandro que não tinha limites. Eu podia trabalhar, tinha sonhos, objetivos, planos. E meus sonhos ficaram aqui. Não quero mais olhar para lá porque isso mexe muito comigo", diz Leandro, se referindo ao local do acidente.

Namoro em alto-mar

O namoro na beira da praia é embalado pela natureza e pela simplicidade do lugar. Ilha de Paquetá, Baía de Guanabara. Este é o único bairro do Rio onde os carros são proibidos de circular. Transporte no local, só de charrete, bicicleta ou de barca, onde tudo começou.

Ela decidiu ir para a ilha para fugir do estresse da cidade grande. Ele já vivia a vida tranqüila de Paquetá. Os dois chegaram a morar a menos de duas quadras um do

outro, mas nunca se conheceram. Até que há sete meses o destino veio de barca na volta do trabalho. Foi no dia em que os dois compraram um bilhete sem volta para a felicidade.

Um encontro improvável entre pessoas bem diferentes. Cláudia Siqueira é uma relações públicas mergulhada no trabalho. "Chegou um dia em que eu explodi e fui parar num hospital. Tive uma estafa. Aí, meu primo falou que tinha uma casa em Paquetá e sugeriu que eu ficasse lá por duas semanas, para descansar", lembra.

João Carlos Castilho é administrador de empresas. Intermináveis idas e voltas na barca, do Centro do Rio para a sua casa, na ilha. "Ia para o Rio dormindo e na volta vinha lendo o jornal", conta.

"Ida e volta para mim era um prazer. Ficar olhando para o mar era minha terapia", diz Cláudia.

A única hora em que o ritmo dos dois se igualava era quando atravessavam a baía: 15 quilômetros entre a Ilha de Paquetá e o Centro do Rio. Uma hora de viagem. Um dia, João aproveitou a chance rara: o dia do supermercado.

"Estava lotada de compras. Aí, apareceu o João para me ajudar. Eu tenho um jeito meio tímido, então, não conhecia ninguém. Peguei meu livro e falei 'obrigada'. Nem olhei direito", conta Cláudia.

"Eu sou muito educado, simpatizei de cara!", diz João.

O romance já dura sete meses. Começou nas barcas e segue o ritmo delas. São os horários de chegada e partida que definem os ciclos para quem mora e quem namora em Paquetá. Todos os dias, o namoro tem hora. Antes da primeira barca, o café da manhã a dois.

A história de amor de João Carlos e Cláudia ainda está sendo escrita: nas viagens pela baía, no vai-e-vem das bicicletas, nas músicas que ele compõe para ela.

Até na ilha a volta para casa ficou bem mais divertida. João Carlos nem se importa em gastar o dobro da energia, pedalando pelos dois. Para muita gente, poderia ser só mais uma etapa cansativa do vai-e-vem diário do trabalho para casa. Para eles, é só a continuação de um namoro que começou e continua em trânsito.

Anexo B

Roteiro Globo Repórter - Episódio *Profissão Repórter* exibido em: 28/04/06

Reféns do trânsito

São Paulo tem 5 milhões de veículos só na capital. São 22 mortes por semana. Nas horas de rush, os congestionamentos atingem, em média, 120 quilômetros. O recorde deste ano foi de 187 quilômetros de carros enfileirados. Na ida para o trabalho, na volta para casa, sempre o mesmo obstáculo: trânsito congestionado. São longas filas que paralisam a vida de todos. O trânsito de São Paulo virou um drama que estressa, que angustia, que assusta e que mata.

O Globo Repórter acompanhou de perto, de diferentes ângulos, esse sofrimento diário do paulistano. Nas ruas, jovens repórteres estiveram diante das câmeras pela primeira vez. O desafio de toda equipe é mostrar, de diversos pontos da maior cidade do país, o cotidiano de quem é obrigado a enfrentar o que muitas vezes parece impossível: o trânsito cada dia pior.

O repórter Felipe Gutierrez estava nos estúdios da Rádio CBN, que diariamente faz a cobertura aérea do trânsito na cidade.

"Aqui em São Paulo tem trânsito de helicóptero", diz a repórter da Rádio CBN Vanessa di Sevo.

Renata Leão acompanhou o motoboy Douglas, que se arrisca nas trilhas de avenidas congestionadas, a centímetros dos carros, para fazer entregas rápidas. "O maior perigo da profissão é pilotar a moto", diz ele.

De moto, de ônibus ou de carro o desafio é o mesmo. Quem pode e tem pressa passa por cima mesmo. São 9h manhã e o executivo Rogério Andrade precisa chegar do outro lado da cidade antes das 9h30min. Se fosse de carro, chegaria atrasado, perderia, no mínimo, o dobro do tempo. Por isso, a saída de emergência dele é o helicóptero.

Rogério Andrade sai diariamente de um heliponto ao lado de casa e vai para o escritório. São Paulo tem o segundo maior movimento de helicópteros do mundo. O empresário diz que jamais viveria na cidade sem helicóptero.

"O melhor é a certeza de que você vai chegar na hora que planejou. De carro, essa viagem demoraria muito mais tempo. Certamente, eu chegaria mais cansado ao meu local de trabalho, mais desgastado ao meu compromisso. Imagino que isso possa, inclusive, ter uma influência negativa no andamento dos negócios. Quem nunca perdeu o humor por causa do trânsito?", comenta Rogério.

Voando sobre São Paulo dá para ver os imensos engarrafamentos nas principais vias da cidade, como a Marginal Pinheiros. "Você imagina que a Marginal é a via expressa da cidade de São Paulo, e em 99% do tempo ela está parada. É o reflexo de como o trânsito de São Paulo é hoje", constata o empresário.

O gerente de informática Marcelo Bonfim conta que cruza a cidade, literalmente de Norte a Sul, há oito anos. "Eu já cheguei a levar quatro horas e meia para fazer esse trajeto em horário de pico. Desde que eu comecei a dirigir esse carro, dificilmente eu fico nervoso. É uma terapia, eu gosto dele. É um carro que não anda muito rápido e ninguém respeita, mas é gostoso de dirigir. É próprio para o trânsito", diz ele, enquanto dirige seu Fusca.

Parece que nada incomoda o gerente de informática, nem a falta do ar condicionado. É o prazer de dirigir o Fusca que faz dele um sujeito feliz no trânsito. Porque o trânsito de São Paulo, ele reconhece, não tem jeito, é sempre igual. "Fiz de carro, de ônibus, de fretado, sempre com esse trânsito. Não muda", observa Bonfim.

"No total, indo e voltando, eu perco de cinco a seis horas por dia. Nesses onze anos sempre foi assim. Você não tem vida própria – não cuida de filho, não cuida de família, não estuda. Eu tenho sede de estudo e não posso estudar. O problema é o tempo. Se tivesse rapidez... O metrô faz parte da solução, mas não é tudo", comenta a empregada doméstica Maria das Graças Alencar.

Com 2,5 milhões de passageiros por dia, o metrô sempre é apontado como uma das soluções. Mas ele ainda só tem 60 quilômetros de extensão, o que é pouco para uma cidade com 44 mil ruas.

Quase todo mundo que usa o metrô é obrigado, também, a pegar o ônibus. O vendedor ambulante Juarez Santana conta que leva seis horas, entre ida e volta, para trabalhar. "Seis horas são quase a metade de um dia. Não dá nem para respirar", reclama.

Uma agonia, da qual ninguém escapa. "Quando está parado, tudo fica mais difícil – para nós, para os motoristas. Tem trânsito de motoboy também. Então, temos que aguardar", conforma-se o motoboy Douglas.

Enquanto o empresário Rogério Andrade atravessa a cidade rapidamente para chegar ao seu destino, o Aeroporto Campo de Marte, lá embaixo, o trânsito está cada vez mais complicado. Duas horas e meia. Esse é o tempo que Marcelo Bonfim leva, em média, todos os dias para cruzar a cidade.

A maioria dos 200 mil motoboys de São Paulo presta serviço para empresas que pagam por hora de produção. Isso explica a pressa deles. E, por consequência, os acidentes no meio dos engarrafamentos. Foram 16 mil nos últimos 12 meses. O número de motoqueiros mortos chega a 360 por ano – quase um por dia.

"É batida, fechada de carro. Diariamente, os 'caras' nos fecham. Estamos arriscados a tudo", diz Douglas.

Para vencer os engarrafamentos, os bombeiros de São Paulo estão imitando os motoboys. Só com motocicletas eles conseguem chegar rápido nas emergências. A missão do repórter William Santos foi acompanhá-los. Ele é especialista em câmeras e reportagens de ação.

O sargento Barbosa conta que o tipo mais comum de ocorrência é com motoqueiros, principalmente em horário de rush.

"É uma média de sete a oito por dia, só com a viatura da CET", diz o cabo Norberto.

"Dessa vez, eu acho que foi pior", comenta o motoqueiro que os bombeiros socorreram.

Quando acontece um acidente, os caminhos ficam ainda mais difíceis. Nessa hora, a informação certa é fundamental para livrar os motoristas de engarrafamentos.

"A informação importante para o ouvinte são as alternativas, não adianta falar quantos quilômetros tem o congestionamento, onde começa e onde termina. O ouvinte precisa saber quais são os caminhos alternativos: por onde ele pode escapar do congestionamento", diz a repórter da Rádio CBN.

Alternativas, não soluções. Os especialistas trabalham com afinco, mas não conseguem vencer o desafio. "Nosso sistema viário já está saturado. Temos mais carros do que as vias comportam na circulação do dia-a-dia. Não dá para fazer milagre. Nosso sistema viário cresceu 30% nos últimos 15 anos, enquanto a frota cresceu 270%", ressalta o superintendente de operações Eduardo Marcabelli, da Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo (CET-SP).

A CET-SP se desdobra para minimizar os congestionamentos. Com monitores, guardas de trânsito e fiscais, a companhia tenta cobrir os 17 mil quilômetros de vias da cidade. Mas o esforço não é suficiente para resolver o problema.

Os motoristas chegam ao fim do dia cansados e com os nervos à flor da pele. Até os pequenos acidentes se transformam em grandes transtornos. É o retrato de uma cidade que vive refém do trânsito.

Vida e morte no engarrafamento

Até para os motoristas de ambulância é difícil furar o bloqueio. Imagine, então, quem precisa de socorro urgente e não tem sirene no carro. Isso aconteceu com o geógrafo Luís Paulo Ferraz. Ele estava com a mulher ao seu lado, com uma crise respiratória dentro do carro. Os dois estavam a apenas dois quilômetros do hospital, mas não conseguiram chegar a tempo. O motivo: trânsito completamente parado.

"Eu digo que a Saneeya não morreu, ela foi assassinada pela cidade e por tudo isso, pela loucura do lugar onde vivemos, talvez", comenta Luís Paulo.

A jornalista paquistanesa Saneeya Hussain era famosa no seu país como defensora dos direitos da mulher e do meio ambiente. "Ela era mais velha, mais alta, estava em um estágio de carreira bem mais avançado. Tínhamos várias diferenças, mas e daí? Era tão bom viver junto, tão delicioso...", desabafa Luís Paulo. "As pessoas dizem que foi uma fatalidade. Eu não posso aceitar isso direito, porque foi uma normalidade. Foi um acontecimento dentro do cotidiano da cidade onde eu vivo".

Quando Saneeya se sentiu mal em casa, ela e o marido tomaram a decisão que pensaram ser a mais lógica naquela noite. A jornalista sofreu uma crise de asma. Ele tentou chegar ao hospital mais perto de casa e entrou em uma rua. Era o começo da noite, e o caminho que parecia tão curto se tornou intransponível.

Luís Paulo já refez o trajeto várias vezes. "Eu queria ter uma idéia. Eu começo a calcular o tempo que levaria para chegar ao hospital numa situação um pouco melhor", justifica.

A morte da mulher de Luís Paulo está fazendo um ano: foi no dia 20 de abril do ano passado. Mas ele ainda se recorda de cada momento como se tudo estivesse acontecendo.

"Eu tentei sair de todo jeito: buzinando, piscando o farol, batendo no carro dos vizinhos. Quebrei meus dois espelhos. Eu gritava o tempo todo para os outros carros saírem da frente porque ela estava morrendo", conta.

"Parando em farol, numa velocidade normal, chegamos em cinco minutos. Numa situação de emergência, buzinando, passando em farol vermelho etc, eu faço em dois minutos, porque o percurso é de dois quilômetros. Isso aconteceu comigo. Com quantas outras pessoas isso acontece todo dia?", questiona Luís Paulo.

Luís Paulo levou o corpo de Saneeya para o Paquistão. Os parentes e amigos fizeram uma homenagem a ela e produziram um filme sobre sua vida e a morte no trânsito de São Paulo. Quando estava preso no engarrafamento, Luís Paulo ligou para o geógrafo Jaime Oliva, que estuda o trânsito de São Paulo. Mas o pedido de socorro foi para o amigo, não para o especialista.

"Eu me lembro da ligação. Isso nos deu um desespero em casa. Eu escutava por telefone buzinas e gritos, e sentia que o carro não andava. Ele estava a cerca de dois quilômetros do hospital, que permitiriam socorro rápido. Mas esses dois quilômetros não significam mais dois, porque significam quase uma hora de trajeto. Criamos uma cidade que não nos dá mais acesso aos recursos que ela possui ao nosso lado", constata Jaime.

A história de Saneeya terminou na pequena cidade de Jandira, a 30 quilômetros de São Paulo, com uma ação solidária e pioneira. Saneeya se tornou a primeira muçulmana estrangeira a doar um órgão para um brasileiro.

O brasileiro que vive com o rim da paquistanesa Saneeya é o pernambucano Severino José de Araújo. Casado com dona Severina, tem dois filhos e ficou cinco anos na lista da espera de um doador. "Foi um período difícil", lembra. Seu Severino guarda as fotos e as marcas das sofridas sessões de hemodiálise que fazia três vezes por semana na cidade vizinha.

Ele lembra o dia em que recebeu a notícia da doação: "Eu estava em casa, deitado. Pensei que era uma coisa normal, mas quando falaram que era sobre o transplante de rim, eu fiquei muito alegre".

"Quando estava internado no hospital eu chorava muito. Mas era de alegria por ter conseguido o transplante. Jamais pensei que eu fosse sair da situação em que estava. Eu fiquei cinco anos esperando, e não tinha solução. A minha esperança era muito pouca. De repente, apareceu essa pessoa para doar. Eu sei que é uma mulher que não é brasileira. Ela veio morar aqui no Brasil e se casou com um brasileiro", conta seu Severino.

"Nem parece que ela tinha 50 anos. Ela parece ser bem nova. Eu queria conhecer a família dela", comenta seu Severino, diante de uma fotografia de Saneeya. "Eu estou com um rim dela, então, praticamente sou um pouco da família também".

Luís Paulo ainda sofre o trauma dos engarrafamentos. Mas a nova vida de seu Severino o ajuda a superar a dor da perda de Saneeya.

Aventura nas ruas

Um caminhoneiro e uma estudante revelam a emoção de dirigir pela primeira vez no trânsito caótico da capital paulista. Confira os detalhes em vídeo!

Embora paulistano de nascimento, Luís Francisco Faustino mora na Bahia desde pequeno. O caminhoneiro, que passou a noite em um posto a 17 quilômetros da entrada de São Paulo, se prepara para mais uma jornada difícil.

Depois de 26 anos, Luís Francisco está de volta para dirigir pela primeira vez em São Paulo. E, com a ajuda das pesquisadoras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a equipe do Globo Repórter acompanhou as mudanças físicas e emocionais que ele vai sofrer por consequência do estresse no trânsito.

Luís Francisco se submeteu à mesma experiência que a estudante Tamiris de Jesus Souza. Ela fez o curso de motorista em uma auto-escola e, pela primeira vez, dirigiu sem instrutor. Ela diz que foi muito difícil tirar a carteira. "Na hora dá muito nervosismo".

Para avaliar as reações de Tamiris e Luís Francisco no trânsito de São Paulo, eles fazem exames de sangue, testes psicológicos e vão ter os batimentos cardíacos monitorados durante o percurso. No final, eles vão passar por todos esses exames novamente.

"O estresse alto e crônico pode levar tanto a doenças físicas, como úlceras e doenças cardiovasculares, como a condições psicológicas, como ansiedade e depressão", diz a psicóloga Laura Nogueira Pires, da Unifesp.

Por uma questão de segurança, Tamiris não foi levada às ruas mais movimentadas de São Paulo. Afinal, ela está longe de ter a experiência do caminhoneiro Luís Francisco.

"Eu pensava que tinha trânsito, mas que o asfalto fosse bom, não essa buraqueira, todo remendado. Isso complica muito, porque além do buraco, a pista não tem faixa, é toda apagada", comentou Luís Francisco.

No momento em que Luís Francisco entrou na cidade, foi como se ele, de repente, se perdesse num labirinto. Era preciso encontrar o ponto de referência: a Avenida dos Bandeirantes. Mas estava combinado que ele não seria ajudado pela equipe de reportagem. Luís Francisco seguiu as indicações, mas voltou a se perder mais de uma vez. Até que, por fim, decidiu perguntar novamente. E se surpreendeu com a resposta. "Esta é a Avenida Bandeirantes", disse um caminhoneiro.

Tamiris e Luís Francisco, finalmente, chegam aos seus destinos. A estudante e o caminhoneiro são novamente examinados pela equipe do Instituto do Sono da Unifesp. O hormônio do estresse, o cortisol, analisado no sangue de ambos, não sofreu alterações significativas. Mas os batimentos cardíacos dos dois chegaram, em alguns momentos, a cerca de 120 por minuto.

"Tamiris, suas respostas mostram, claramente, que você esteve diante de uma situação estressante. É bastante compreensível. O tráfego de São Paulo é caótico e você ainda é novata na direção. Você mostra e diz claramente que se sentiu agitada, bastante tensa, preocupada", anunciou a psicóloga Laura.

"Luís Francisco nos conta que a ansiedade dele aumentou bastante após o trajeto que ele fez na cidade de São Paulo. Mas o que nós podemos entender disso é que a principal fonte

de estresse dele não diz respeito tanto a sua capacidade, habilidade de dirigir, mas à maneira como os outros dirigem", concluiu a pesquisadora.
 "Eu achei horrível ficar perdido sem saber para onde ir", finalizou o caminhoneiro.

Loucuras no trânsito

Pedro Utsch de Leão e Lucineide Lima de Larmelino são casados há 19 anos. Ele é representante comercial e ela, uma administradora de empresas. O casal é muito unido, mas quando o assunto é trânsito, melhor não tomar partido.

"Eu desvio cinco quilômetros, mas não fico parado no trânsito. Enquanto houver saída, vou caindo fora. Você sempre pega gente chata pela frente – gente que não anda, gente que fecha", diz Pedro.

"Ele reclama o tempo todo. Se sofre uma fechada, ele emparelha com o carro e fica olhando com cara feia para o motorista", conta Lucineide.

"Eu sou sempre o errado", diz Pedro.

As confusões no trânsito levaram o casal a tomar uma decisão radical: a separação na hora de enfrentar o congestionamento. Lucineide prefere sair de casa num táxi, enquanto Pedro vai de casa para o trabalho no carro da família.

Pedro é certamente uma pessoa que pode ser definida como "cabeça quente" no trânsito. É só circular um pouco com ele pelas ruas de São Paulo para perceber.

"Velhinhos são terríveis! Tadinhos, eles têm que dirigir também. Eu queria não ser estressado no trânsito, não ser nervosinho. Mas, infelizmente, sou assim", reconhece Pedro. E não é mesmo. A mulher, Lucineide, que o diga. "O que eu nunca gosto é quando o trânsito está parado e ele começa a buzinar. Eu acho que buzina não resolve e é muito feio ficar buzinando. Então, isso incomoda muito", reclama Lucineide.

"Ela vai observando e breca, como se tivesse freio (no lado direito do carro). Ela fica enchendo o saco, diz para eu olhar o caminhão, ter cuidado, frear, ir devagar. Tem horas que ela dá umas seguradas que se você estiver na estrada ou mesmo dirigindo, se assusta!", rebate Pedro.

"Muitas vezes ele pergunta se eu quero carona. Eu digo que só aceito se ele não reclamar no trânsito. Mas muitas vezes ele dá carona e não agüenta, reclama", conta Lucineide.

"Ela sabe que eu fico nervoso. Então, prefere pegar um táxi. E isso dá uma segurada no estresse", diz Pedro.

Os especialistas dizem que todas as pessoas têm hábitos irracionais e que um deles é reclamar das coisas que não têm jeito, como é o caso do trânsito de São Paulo. O psicólogo Esdras Vasconcellos, da Universidade de São Paulo (USP), diz que é preciso mudar de atitude, encontrar uma maneira de conviver com o problema.

"É preciso entender que, se reclamar, a pessoa só vai ficar muito mais tensa, vai desenvolver uma dor de cabeça, uma retenção de músculos, de nuca, vai contrair pernas, pés e os vasos sanguíneos. Vai alterar o organismo e, com isso, o bem-estar. A irritação faz com que hormônios do estresse sejam descarregados na corrente sanguínea e, com isso, todo o organismo passa a se sentir mal", esclarece o especialista.

Vencendo desafios

A secretária Sayde Kaissar El Koury sai todo o dia de casa disposta a enfrentar o problema que tem com o trânsito. Ela sofre de Síndrome do Pânico, mas se trata, e assume abertamente que tem a doença.

"A Síndrome do Pânico começa do nada, você nunca sabe qual é a causa", diz Sayde. Os ataques de pânico são marcados por crises de ansiedade que praticamente paralisam a pessoa. "Os sintomas são físicos mesmo: taquicardia, falta de ar, vertigem. É como se eu fosse desmaiar. É como se eu fosse morrer. A fobia é tão grande que é um sentimento de morte eminente", revela a secretária.

Dirigir no trânsito é um grande tormento para Sayde. Qualquer imprevisto representa um perigo. Ela conta que se o trânsito fica parado dentro do túnel, começa a suar frio, fica tensa e tem vontade de sair do carro e ir andando.

O psiquiatra Tito de Barros Netto trata de Sayde há bastante tempo. Ele explica que a tendência de quem sofre de Síndrome do Pânico é fugir das situações que podem desencadear uma crise. Mas a receita para superar o problema é outra.

"A pessoa deve, gradualmente, procurar enfrentar situações de medo. Porque quanto mais a pessoa se esquivava mais o quadro se cronifica", recomenda o especialista.

Sayde segue à risca o conselho do médico. Mas não é sem esforço. No ano passado, ela sofreu um seqüestro-relâmpago, e a situação se agravou. Ela lembra que três homens invadiram seu carro e a mantiveram no banco de trás, com uma arma no peito, durante quatro horas. Sayde chegou a ficar sem dirigir. "Eu entrava no carro, ligava, saía da garagem do prédio e voltava. Não conseguia ir em frente", lembra.

Mas ela reagiu. "Eu encaro o trânsito como se estivesse indo à guerra todos os dias". Uma guerra que hoje ela parece já estar vencendo. "Nunca recuar. Quanto mais você foge mais mina a sua liberdade, você se limita. Então, eu acho que o jeito é encarar mesmo, não tem outro", conclui Sayde.

Anexo C

Roteiro Jornal Nacional – Exibido em: 06/04/06

06.04.2006

Nova versão do Evangelho Segundo Judas

O texto foi escrito há cerca de 1,7 mil anos e ficou preservado numa urna de pedra, no interior do Egito, até ser descoberto em 1978.

O manuscrito afirma que Judas não foi um traidor, mas sim o apóstolo escolhido por Cristo para iniciar o processo de redenção da humanidade.

A interpretação contraria o Novo Testamento, que descreve Judas como um delator motivado por ciúme, maldade e pelo pagamento de 30 moedas de prata.

A íntegra do manuscrito foi divulgada hoje, em Washington. Alguns teólogos acreditam que o chamado Evangelho Segundo Judas reflete apenas a visão dos Gnósticos - uma corrente grega de pensamento para a qual o conhecimento é que levaria à redenção e que mostra Judas como um personagem benéfico, que teria colaborado com os planos de Jesus para salvar a humanidade.

Dessa forma, o Evangelho Segundo Judas não alteraria a história descrita nos evangelhos de acordo com São Marcos, São Mateus, São Lucas e São João.

Mas historiadores do período inicial do cristianismo afirmam que esse novo documento é potencialmente tão valioso quanto os que foram incluídos no novo testamento, porque ele mostra um Cristo que estava esperando o fim da vida, e não teria se surpreendido com os acontecimentos.

06.04.2006

O pioneiro do Programa Espacial Russo

São experimentos científicos e uma experiência de vida. Na Estação Espacial Internacional o astronauta Marcos Pontes tem as estrelas, a lua, o sol, os planetas, a Terra como vista e tem o olhar particularmente direcionado para o Brasil.

De quase 400 quilômetros de distância da Terra, mesmo com o tamanho do Brasil, dá para ver muita coisa. São detalhes, vistas, que impressionaram Marcos Pontes mas que deixaram, no passado, outros astronautas igualmente impressionados.

O russo Alexei Leonov foi o primeiro homem a caminhar no espaço, a ir para o lado de fora de uma nave.

“Foi em 1965. Era então a órbita mais distante da Terra, 500 quilômetros. Todo dia eu via a cidade do Rio de Janeiro, o brilho dela, especialmente à noite. Vi também Brasília como se fosse um grande avião pousado. Depois eu visitei o Rio de Janeiro, fui a praia de Copacabana. Os brasileiros são ótimos, muito divertidos. Minhas congratulações, você têm um ótimo piloto”, ele diz.

06.04.2006

Tiroteio em Copacabana

As imagens na praia de Copacabana, hoje à tarde, chocaram moradores e turistas. A confusão começou com uma tentativa de assalto a um edifício na Avenida Atlântica, um dos endereços mais nobres da cidade.

Segundo a polícia, o ladrão entrou no prédio com a desculpa de comprar o computador que um morador vendia. Ao anunciar o assalto, o morador reagiu e conseguiu fugir.

PMs chegaram ao local. Um policial foi baleado e o ladrão escapou, levando a arma do PM. Correu pela Avenida Atlântica e entrou numa rua lateral. Houve perseguição e tiroteio. O assaltante conseguiu entrar num táxi, mas o carro foi cercado e o bandido morto, com cinco tiros.

Os disparos nas ruas trouxeram pânico e fizeram vítimas. Um cliente de um bar, que estava com a mulher, foi atingido por uma bala perdida e morreu. Um garçom que trabalhava em outro bar ficou ferido. Uma senhora, um morador de rua e um homem também foram baleados.

“De repente escutei uma coisa no peito e eu tinha uma bala, aí arranquei, ela, tirei”, contou o homem.

Uma turista gaúcha, que visita o Rio pela primeira vez, ficou assustada.

“Eu tava na praia e de repente veio uma moça correndo e deitou no chão e avisou que era tiroteio e aí todo mundo deitou também”, disse a turista.

“Foi correriam, foi pânico geral, todo mundo correndo, não tinha ninguém na rua”, falou outra testemunha.

06.04.2006

Malária aumenta muito no Acre

O número de casos não pára de crescer. Na família do diarista Raimundo Nonato Ferreira todos já pegaram malária e ele está doente de novo.

“No ano passado acho que peguei umas quatro vezes. Esse ano já peguei mais de dez vezes”, afirmou Raimundo.

O filho mais novo também tem os sintomas.

“Dor de cabeça e febre”, descreveu o menino.

A malária se urbanizou com a construção de açudes em assentamentos rurais próximos às cidades. Em Cruzeiro do Sul, o município acreano com o maior número de doentes, os três primeiros meses deste ano registraram mais de 13 mil casos, quase 600% a mais na comparação com o mesmo período do ano passado.

A dona de casa Gorete Xaxier guarda os comprovantes de todos os exames da família e pôs os remédios na sala, num lugar bem à vista, para que ninguém esqueça do tratamento.

“Não sei mais o que fazer eu já pensei de tudo para ver se a gente fica bom, mas a gente não consegue”, disse Gorete.

Agentes fazem operações especiais para combater a malária. Chega a noite e é hora dos agentes de endemia saírem de bairro em bairro, de casa em casa, para tentar vencer o mosquito transmissor da malária.

“Quando eles não vêm a gente não consegue dormir. Quando eles fazem o trabalho melhora muito”, contou uma mulher.

06.04.2006

Desafio para atender demanda de álcool

Com o barril do petróleo encostando nos US\$ 70, cada vez mais países querem misturar o álcool à gasolina. Agora o desafio é, ao mesmo tempo, garantir o abastecimento interno e atender ao mercado externo.

O carro bicombustível já é o preferido de 78% dos proprietários de veículos novos. Desde o meio do ano passado a venda deste modelo superou a de movidos só a

gasolina. Com a maior procura pelo álcool, o preço disparou, ainda assim, ele é a principal alternativa aos combustíveis derivados de petróleo.

O álcool que sai das usinas não vêm apenas pelas bombas. Por ser mais barato e menos poluente, o sucesso do álcool atravessou fronteiras. Hoje, o produto é exportado para grandes países, como os Estados Unidos, que usa o álcool misturado à gasolina. Diante do crescente interesse internacional, a preocupação do comprador estrangeiro é saber se o Brasil vai conseguir atender a tantos pedidos.

O Japão, é um dos países interessados em aumentar as compras de álcool combustível para reduzir a emissão de poluentes, mas as exportações para lá, por exemplo, ainda não são regulares.

O governo brasileiro encomendou um estudo sobre a instalação de novos pólos produtores de açúcar e de álcool no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. A idéia é aumentar a produção, de maneira auto-sustentável.

O bagaço da cana moída para fazer álcool e açúcar seria usado na geração de energia elétrica para as cidades vizinhas. Uma parte do terreno seria reservada para produção de soja. Dela se extrairia o biodiesel para mover colheitadeiras e tratores. Isso reduziria o preço do frete.

“O modelo é interessante porque ele prevê que o dono da indústria tenha uma pequena área de terra e a produção de cana seja feita pelos agricultores da região onde se instale a usina”, disse ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.

A idéia já abriu um debate.

“Modelos semelhantes foram tentados e nunca funcionaram em lugar nenhum do mundo” argumentou o professor da Unicamp, Rogério Cerqueira Leite.

“É uma maneira adicional da gente crescer e portanto é bem vinda a idéia,

06.04.2006

A Mais nova fatia da pizza no Congresso

O Conselho de Ética amanheceu em crise. Nove deputados assinaram um comunicado pedindo afastamento do conselho. O presidente, Ricardo Izar, pediu para que esperassem a votação dos dois últimos relatórios: de Vadão Gomes, do PT e o mais atrasado, de José Janene do PP, dado como caso perdido para a maioria.

Júlio Delgado não quis esperar. Foi seguido por quatro deputados, que mantiveram a renúncia imediata. O conselho cobra a votação da emenda constitucional, que acaba com o voto secreto e está no plenário há um ano.

“Há uma dessintonia clara entre os membros do conselho, entre a apuração do conselho, entre constrangimento do voto aberto no conselho e a absolvição que feita no plenário encoberto no véu do voto secreto”, disse o deputado Julio Delgado (PSB-MG).

Para a oposição a contradição entre o que o Conselho de Ética recomenda e o plenário aprova, é fruto de um acordo entre os partidos governistas. Os principais envolvidos no esquema do Mensalão são aliados do governo.

“Há um entendimento de que àquelas pessoas que estavam envolvidas através dos partidos políticos e foram comprados pelo Valerioduto se auto protegeram. Isso é uma realidade. Além do esquema corporativo que já existia”, falou Jutahy Jr. (PSDB-BA), líder do partido.

De 11 processos, o conselho pediu nove cassações. Só três foram cassados: Roberto Jefferson, do PTB; José Dirceu, do PT e Pedro Correa, do PP.

O plenário da câmara fez pizza dos outros seis: Romeu Queiroz, do PTB; Roberto Brant, do PFL; Wanderval Santos, do PL; e dos petistas Professor Luizinho, João Magno e a última fatia, que saiu ontem, de João Paulo Cunha.

O relatório mais contundente, contra o ex-presidente da câmara, foi ignorado pelo plenário, que rejeitou o pedido de cassação com 256 votos contra 209.

“O mais grave não é a absolvição, mas o que significa a sua absolvição. Significa que pegar dinheiro de empresas não é irregular, não é ilícito, não é indecoroso. Que mentir, reiteradamente, também não é indecoroso, também não é aético e fazer um contrato lesivo ao interesse público também não é aético. De certa forma o que foi dito: repitam tudo isso que foi feito e nada vai acontecer com ninguém. Então isso é rigorosamente inaceitável”, acredita o deputado Cezar Schirmer (PMDB-RS), relator.

06.04.2006

PT discute anulação de relatório

Inconformados com a derrota, os petistas iniciaram nova batalha para derrubar o relatório da CPI, que confirmou a existência do Mensalão e pediu o indiciamento de mais de 100 envolvidos. Alegam que não puderam apresentar sugestões e nem analisar as mudanças feitas de última hora.

Segundo a líder do PT no Senado, foram retirados dados de contrato da Skymaster com os Correios, das franquias da estatal e do Instituto de Resseguros do Brasil. Alterações que teriam ajudado alguns acusados que não tem ligações com o PT.

“Foram simplesmente atenuados, retirados ou desaparecidos, investigação sobre nada mais nada menos que R\$ 1 bilhão, no mínimo”, disse a senadora Ideli Salvatti (PT-SC), líder do partido.

O relator se defende:

“Nas circunstâncias em que me parecia que eu poderia deixar em aberto, para que em instantes seguintes verificasse melhor para não se dizer que eu me antecipei no julgamento. Eu peguei e passei para o Ministério Público”, falou o deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR), relator do CPI.

Na segunda-feira, o relatório final da CPI será entregue à presidência do Senado, ao Ministério Público e a Polícia Federal. A comissão também vai recomendar que sejam investigados assessores de outros parlamentares suspeitos de terem recebido Mensalão.

Hoje o presidente da CPI reafirmou que respeitou as normas. E decidiu entrar com duas representações. Uma criminal e outra por quebra de decoro parlamentar com pedido de cassação de mandato contra o deputado Jorge Bittar, seu colega de partido, por agressões verbais. Ele criticou os petistas:

“Não fui eleito presidente para defender o PT nem os partidos de oposição e nem os partidos da base. Eu assumi a presidência para fazer o trabalho”, afirmou o deputado Delcídio Amaral (PT-MS), presidente da CPI dos Correios.

O deputado Jorge Bittar, do PT do Rio, disse que na sessão de ontem apenas manifestou indignação com o que chamou de ‘práticas antidemocráticas’ do senador Delcídio Amaral.

06.04.2006

Ministro se dispõe a dar explicações

Márcio Thomaz Bastos, se antecipou à votação de um requerimento da oposição. Os assessores dele Daniel Goldberg e Cláudio Alencar foram consultados pelo ex-ministro Antônio Palocci sobre a possibilidade de a Polícia Federal investigar Francenildo Costa.

Os dois afirmam ter dito a Palocci que a polícia não poderia abrir inquérito com base em rumores. Mesmo assim, Francenildo está sendo investigado por suspeita de lavagem de dinheiro.

“É um fato que tem que ser explicado pelo superior”, afirmou o senador José Agripino (PFL-RN), líder do partido.

Para a oposição, também é preciso fazer uma acareação entre Palocci e o ex-presidente da Caixa, Jorge Mattoso, na CPI dos bingos, para que fique claro quem deu a ordem para a violação do sigilo.

"Há contradições nas declarações de ambos. É uma tentativa de transferência de responsabilidade", disse o senador Álvaro Dias (PSDB-PR).

"Sem dúvida alguma não está no foco da CPI e não encontrará apoio daqueles que tem bom senso", argumentou o senador Tião Viana (PT-AC).

Para a Polícia Federal não há necessidade de uma acareação entre Palocci e Mattoso, porque acredita que os dois depoimentos foram combinados. Mas a polícia, que considera Palocci o mandante do crime, ainda pode tomar um novo depoimento dele antes de encerrar o inquérito.

06.04.2006

Aumentam os golpes na internet

O administrador de empresas Flávio Lima entrou sem perceber num site falso de banco e forneceu identidade e senhas. Com as informações, o criminoso sacou os R\$ 1 mil que estavam na conta corrente.

"Tive que atrasar umas contas até tomar pé da situação, até que o banco fizesse o estorno do que foi feito na conta. Mas a sensação é horrorosa", conta ele.

Nos primeiros três meses deste ano foram identificadas mais de 12 mil fraudes bancárias no Brasil - 446% a mais do que no mesmo período do ano passado. As armadilhas para roubar informações e senhas se multiplicaram na rede.

Abril é mês de entrega da declaração do Imposto de Renda e por isso muitas armadilhas estão chegando na forma de comunicado falso da Receita Federal.

Uma mensagem, por exemplo, pede para você clicar para saber se ainda há restituição a receber. Se você fizer isso, vai instalar no seu computador um programa espião que captura todos os seus dados confidenciais.

Outras páginas falsas que estão na moda: a que diz que o seu título de eleitor está cancelado. A que fala que você deve e até a que promete revelar as fotos de uma traição amorosa.

Mas o crime não compensa, diz o advogado Renato Opice Blum. É fácil rastrear o fraudador. O Brasil já tem cinco mil condenações por crimes eletrônicos.

"O sujeito que utiliza a rede mundial ele deixa rastros e esses rastros servem como provas aptas a provocar uma condenação", explica o advogado.

06.04.2006

Anvisa determina apreensão de falsificação de vacina contra gripe Fluarix

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária determinou a apreensão, em todo o Brasil, da falsificação da vacina contra a gripe Fluarix.

Segundo a Anvisa, as falsificações podem ser identificadas porque não registram prazo de validade nem o número do lote. O telefone para tirar dúvidas ou fazer denúncias é o 0800 701 22 33.

06.04.2006

Aposentados e pensionistas ganharão reajuste de 5%

O Governo Federal decidiu dar um reajuste de 5% para aposentados e pensionistas do INSS que recebem mais de um salário-mínimo. São cerca de oito milhões de benefícios. O acordo deve ser assinado amanhã, no Palácio do Planalto.

06.04.2006

Governo anuncia verba para produtores agrícolas

O governo anunciou hoje medidas emergenciais para ajudar os produtores agrícolas. No total, serão mais de R\$ 14 bilhões. Um bilhão vai para a comercialização da safra. Mais de R\$ 200 milhões para a agricultura familiar. Os bancos vão ter mais de R\$ 5 bilhões disponíveis para o crédito agrícola. O pacote também inclui a prorrogação das dívidas vencidas e das que vencem em 2006, mais de R\$ 7 bilhões. Mas essa prorrogação ainda precisa ser aprovada pelo Conselho Monetário Nacional.

06.04.2006

Dólar e preços caem, mas álcool tem a maior alta em três anos

No mercado financeiro, o dólar caiu a R\$ 2,13. A Bovespa subiu.

Em março, segundo o Índice Geral de Preços, os preços caíram, em média 0,45%. Já o álcool teve a maior alta em mais de três anos: 14%. No primeiro trimestre, foram 30%.

06.04.2006

Decisão do STF anula condenação de uma juíza em Belém

Uma decisão do Superior Tribunal de Justiça anulou a condenação de uma juíza de Belém, acusada de embolsar R\$ 3 milhões de contas judiciais.

Ana Teresa Murrietta tinha sido condenada a 12 anos de prisão por peculato. O caso foi julgado por um juiz indicado pela presidência do Tribunal de Justiça do Pará, depois que outros quatro juízes se recusaram a receber o processo.

A defesa recorreu ao STJ, alegando que a indicação não respeitou normas regimentais.

Ana Teresa Murrieta aguardava em liberdade o julgamento do recurso. Ela é desembargadora aposentada.

06.04.2006

Jovem brasileiro conquista título mundial de natação

O Brasil conquistou hoje um título mundial na natação. Kaio Márcio Almeida largou na raia quatro. O paraibano, de 21 anos, dominou a prova e ficou com o ouro nos 100 metros nado borboleta, no Mundial de Piscina Curta, em Xangai, na China.

Kaio Márcio treina no Brasil e é um dos destaques da nova geração. Amanhã, ele vai disputar os 50 metros nado borboleta. Ele é o atual recordista mundial da prova em piscina curta.

06.04.2006

Dois garimpeiros são mortos em reserva indígena em Rondônia

Dois garimpeiros foram mortos e um ferido na reserva indígena Roosevelt, em Rondônia. Os corpos foram retirados hoje à tarde por agentes federais.

Segundo o sobrevivente, foi um confronto entre índios e brancos que trabalhavam no garimpo ilegal de diamantes durante a madrugada.

Há dois anos, a disputa pelos diamantes levou ao massacre de 29 garimpeiros por índios cintas-largas.

06.04.2006

Exército brasileiro prende colombianos suspeitos de fazer parte das Farc

O Exército brasileiro prendeu, no norte do Amazonas, dois colombianos suspeitos de fazer parte das Farc, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

Foi depois de uma troca de tiros no município de São Gabriel da Cachoeira, perto da fronteira com a Venezuela. Uma pistola e três fuzis foram apreendidos com os presos, que vão ser levados amanhã para a sede da Polícia Federal, em Manaus.

06.04.2006

Milhares de pessoas protestam contra três assassinatos, em Caracas

Milhares de pessoas voltaram hoje às ruas de Caracas para protestar contra o assassinato de três irmãos adolescentes que haviam sido seqüestrados.

Os manifestantes bloquearam ruas da capital e cobraram justiça. No protesto de ontem, um fotógrafo do jornal El Mundo foi morto, supostamente por um policial.

Segundo o editor-chefe do jornal, Jorge Aguirre teria fotografado o assassino em fuga antes de morrer. O caso está sendo investigado.

06.04.2006

No Paraná, polícia prende duas mulheres acusadas de transportar crack

No Paraná, a polícia prendeu duas mulheres que usavam acessórios dos filhos para transportar pedras de crack.

O ônibus seguia de Foz do Iguaçu para Curitiba. Em Santa Terezinha do Itaipu, a polícia descobriu quase três quilos da droga no ursinho de pelúcia e no travesseiro da filha de três anos de Eliana Aparecida.

Em Cascavel, 100 quilômetros adiante, Lucimara Ferreira foi presa. Ela levava pouco mais de um quilo de crack no pacote de fraldas do filho, de 11 meses.

As crianças foram entregues aos pais. As mães vão responder por tráfico de drogas.

06.04.2006

Rússia anuncia que vai doar ao Brasil cápsula que trará Marcos Pontes à Terra

A cápsula que vai trazer o astronauta Marcos Pontes de volta à Terra será doada ao Memorial Aeroespacial Brasileiro, em São José dos Campos, São Paulo.

O anúncio foi feito pelo primeiro-ministro russo Mikail Fradkov, que inaugurou hoje outras duas doações ao memorial: uma réplica do Sputnik, o primeiro satélite lançado ao espaço e um motor usado na Soyuz, a nave que levou Marcos à estação internacional.

06.04.2006

No Mar Vermelho, 69 pessoas morreram e 20 ainda estão desaparecidas num naufrágio

A embarcação de madeira tinha acabado de deixar o porto de Djibuti, com mais de 230 pessoas – 122 sobreviveram.

06.04.2006

Encontrados fósseis que podem explicar transição da vida aquática para terrestre

Fósseis de 375 milhões de anos, encontrados no Canadá, podem ser o elo que faltava para explicar o processo de transição da vida aquática para a vida terrestre.

A revista Nature anunciou que cientistas da universidade de Chicago revelaram uma espécie de ancestral dos peixes. Um bicho de quase três metros, com escamas, barbatanas, e um esqueleto semelhante ao de um crocodilo, com pescoço e costelas característicos de animais terrestres.

06.04.2006

Bush é acusado de vazar informações secretas

Bush é acusado de vazar informações secretas Lewis Libby é acusado de mentir à Justiça. Ele perdeu o cargo de assessor do vice-presidente Dick Cheney pela suspeita de ter vazado informações secretas para a imprensa.

Em 2003, logo depois do começo da guerra do Iraque, o embaixador Joseph Wilson escreveu um artigo pondo em dúvida a acusação de que Saddam Hussein teria armas de destruição em massa.

Oito dias depois, foi divulgada a informação de que a mulher do embaixador, Valerie Plame, era agente do Serviço Secreto Americano, o que acabou com a carreira dela.

Na época, o presidente Bush foi à TV dizer: 'se houver vazamento de informações no meu governo, quero saber quem foi. Essa pessoa será demitida'.

Segundo documentos entregues ao tribunal pela promotoria, Dick Cheney disse para Libby que o próprio presidente Bush teria autorizado o vazamento de informações secretas para a imprensa.

Analistas dizem que isso não seria um crime, porque bush criou uma lei, em 2003, que o autoriza a liberar documentos secretos. Mas os críticos acusam Bush de hipocrisia e de ter usado informações privilegiadas para tirar proveito político.

Hoje, Bush se recusou a responder as perguntas sobre as acusações.

06.04.2006

Giuliani testemunha em julgamento de Zacarias Moussaoui

O ex-prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, testemunhou hoje, na segunda fase do julgamento de Zacarias Moussaoui, o único envolvido nos atentados de 11 de setembro a ser julgado até agora.

Giuliani contou que não consegue esquecer a imagem de duas pessoas se jogando do World Trade Center, de mãos dadas. Moussaoui chegou a sorrir quando foram exibidas imagens de pessoas que se atiraram das torres.

06.04.2006

Protestos contra lei do primeiro emprego completam um mês

As manifestações em toda França contra a lei do primeiro emprego completaram um mês. Centenas de estudantes bloquearam, hoje, os trilhos da principal estação de trens de Paris. O protesto provocou atraso em várias linhas, inclusive internacionais.

06.04.2006

Testes descobrem vírus da gripe aviária em cisne morto na Escócia

Na Grã-Bretanha testes mostraram que um cisne encontrado morto na Escócia tinha o vírus H5N1, o primeiro em uma ave selvagem.

06.04.2006

Confira a previsão do tempo

PREVISÃO PARA AS CAPITALS DO PAÍS:

Previsão de chuva nesta sexta-feira em quase todo o Brasil.

O forte calor e a alta umidade que chega do mar continuam formando muitas nuvens carregadas no litoral do Nordeste e no extremo Norte do país.

No Centro-Oeste e na maior parte do Sudeste, áreas de instabilidade mantêm o tempo abafado com pancadas de chuva a qualquer hora do dia.

Mínima de 14°C em Curitiba e máxima de 33°C em Manaus.

Cidade	Máxima	Mínima	Condição
Aracaju	31°	24°	Nublado e Pancadas de Chuva
Belém	32°	23°	Nublado e Pancadas de Chuva
Belo Horizonte	28°	19°	Possibilidade de Pancadas de Chuva
Boa Vista	35°	26°	Pancadas de Chuva
Brasília	27°	19°	Nublado e Pancadas de Chuva
Campo Grande	26°	20°	Pancadas de Chuva
Cuiabá	32°	23°	Nublado e Pancadas de Chuva
Curitiba	23°	14°	Pancadas de Chuva
Florianópolis	26°	17°	Pancadas de Chuva
Fortaleza	30°	24°	Nublado e Pancadas de Chuva
Goiânia	30°	20°	Nublado e Pancadas de Chuva
João Pessoa	32°	26°	Nublado e Pancadas de Chuva
Macapá	31°	24°	Nublado e Pancadas de Chuva
Maceió	32°	23°	Nublado e Pancadas de Chuva
Manaus	33°	25°	Pancadas de Chuva
Natal	31°	24°	Nublado e Pancadas de Chuva
Palmas	29°	21°	Nublado e Pancadas de Chuva
Porto Alegre	28°	20°	Parcialmente Nublado
Porto Velho	28°	23°	Nublado e Pancadas de Chuva
Recife	31°	23°	Nublado e Pancadas de Chuva
Rio Branco	30°	24°	Nublado e Pancadas de Chuva

Rio de Janeiro	31°	23°	Chuvas Isoladas
Salvador	30°	23°	Nublado e Pancadas de Chuva
São Luís	31°	23°	Nublado e Pancadas de Chuva
São Paulo	26°	17°	Chuvas Isoladas
Teresina	32°	23°	Pancadas de Chuva
Vitória	29°	22°	Pancadas de Chuva

Veja [aqui](#) a previsão do tempo nas outras cidades brasileiras.

Anexo D

Os donos da mídia

Quadro das bases do poder econômico e político constituído a partir das redes privadas de televisão no Brasil

Dominando o mercado de TV de US\$ 3 bilhões, 6 Redes Privadas Nacionais, através de 138 Grupos Afiliados, controlam 668 veículos (TVs, rádios e jornais), instrumentos de poder regional e nacional.

Em meados da década de 60, sob a forma de operação em redes nacionais, a TV brasileira disparou como destino das verbas de mídia. A crescente importância econômica do meio corresponde à influência política e cultural. Em torno de Grupos Cabeça-de-Rede (empresas geradoras da programação nacional das redes) passam a orbitar dezenas de Grupos Afiliados (empresas regionais que, basicamente, transmitem a programação das geradoras).

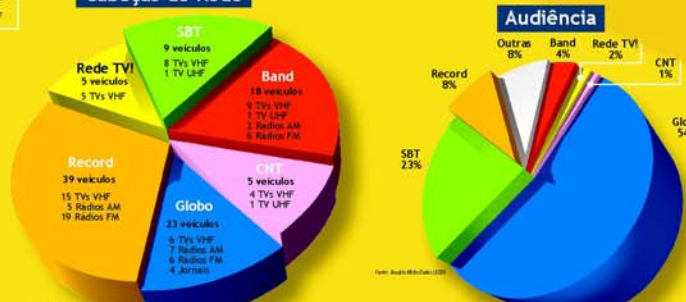
Com o respaldo das redes, estes grupos fortalecem suas operações regionais. Os demais veículos destes grupos beneficiam-se da TV assim como a impulsionam.

O Epcom - Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação - fez um levantamento dos veículos ligados às emissoras de TV no Brasil. Neste Infográfico, estão alguns dos resultados referentes ao principal segmento: o das redes privadas nacionais. Vinculadas às 296 emissoras de TV existem outros 372 veículos de comunicação.

Grupos Afiliados*



Cabeças-de-Rede



A TV e o rádio são as maiores e únicas fontes de informação para a maioria dos brasileiros

- A TV está presente em 87,7% dos domicílios
- 80% dos brasileiros ouvem rádio todos os dias
- 39% não lêem revista ou só têm acesso menos de uma vez por trimestre
- 48% não lêem jornal ou só têm acesso menos de uma vez por semana

A maioria dos grupos Afiliados são pequenos e pouco diversificados

92,1% atuam somente em um Estado

74,7% possuem apenas emissoras de TV e rádio

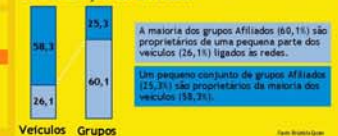
Grupos que controlam 89 veículos são afiliados a duas redes de TV simultaneamente

- 12 grupos Afiliados têm emissoras de TV vinculadas a mais de uma rede
- 7 destes grupos controlam emissoras de duas redes distintas na mesma cidade

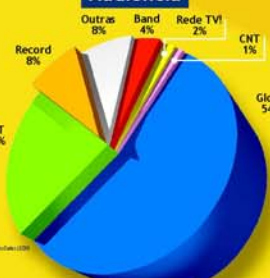
Os grupos Cabeça-de-Rede de TV dominam os principais mercados enquanto os grupos Afiliados das redes ficam restritos aos menores

Grupos	% dos seus Veículos	Regiões	% de PIB	% das Investimentos e Publicitários em TV
Afiliados	66,5	Norte, Nordeste, Centro-Oeste	24,91	21,75
Cabeça-de-Rede	74,75	Sudeste, Sul	75,13	78,31

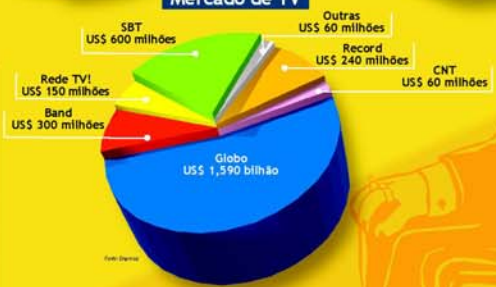
Os grupos Afiliados são subordinados aos Cabeças-de-Rede e também reproduzem a concentração do mercado



Audiência



Mercado de TV



PORQUE A GLOBO CONTINUA IMBATÍVEL

A análise da estruturação das redes privadas nacionais de TV aberta mostra porque a Rede Globo prossegue muito à frente das demais

- | | | |
|--|---|--|
| <p>Rede Globo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aglutina o maior número de veículos em todas as modalidades - TV, rádio e jornal. Tem quase o dobro do que o SBT, que ocupa o 2.º lugar. • Seu Grupo Cabeça-de-Rede é o único, entre as demais redes, que tem todos os tipos de mídia. • Tem o maior número de grupos diversificados - TV, rádio e jornal - 40,6% de todos os existentes vinculados às redes. • A maioria dos principais grupos regionais de mídia são os Afiliados da Globo. • Está presente em todos os Estados. • O Grupo Cabeça-de-Rede tem 86% dos seus veículos concentrados na região Sudeste. • No seu conjunto, apresenta uma disseminação equilibrada pelas diversas regiões, sem concentração excessiva nos pequenos mercados. | <p>Rede SBT</p> <ul style="list-style-type: none"> • Está presente em todos os Estados. • Tem o maior número de associações com grupos regionais, sendo integrada por 47 Grupos Afiliados. • O Grupo Cabeça-de-Rede só tem TV. • Está fortemente concentrada na região Norte. <p>Rede Record</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresenta grande concentração na região Sudeste. • Seu Grupo Cabeça-de-Rede é o que mais detém veículos próprios em todas as regiões do país, em comparação com as demais redes. • Controla também duas redes de TV segmentadas: a Rede Mulher (três emissoras) e a Rede Família (duas emissoras). | <p>Rede Bandeirantes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Está bastante concentrada na região Nordeste. • A maior parte dos seus Grupos Afiliados limita-se a mídia eletrônica. <p>Rede Rede TV!</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dispõe de apenas cinco emissoras de TV e três Grupos Afiliados. • Quase dois terços dos seus veículos localizam-se nas regiões Norte e Centro-Oeste. • É a rede com menor presença na região Sudeste. • Seus Grupos Afiliados limitam-se à mídia eletrônica. <p>Rede CNT</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem apenas 5 emissoras de TV e um único Grupo Afiliado, com uma emissora. • Restringe a sua atuação às regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. |
|--|---|--|

EVOLUÇÃO DA VERBA PUBLICITÁRIA



6 redes privadas predominam no segmento de TV, vinculando-se a 372 outros veículos (emissoras de rádio e jornais)

Redes e Grupos	Emissoras de TV	Outros Veículos	Total
6 Redes Privadas Nacionais de TV	296	372	668
Redes públicas, segmentadas e grupos independentes	35	102	135

A TV é atualmente o veículo dominante no mercado publicitário

Veículo	Participação	Valores (US\$)
TV	56,1%	3,007 bilhões
Jornal	21,5%	1,153 bilhões
Revista	10,6%	566 milhões
Rádio	4,9%	262 milhões
Outros	6,9%	370 milhões

3,5 horas é a média diária de tempo que o brasileiro passa vendo TV

81% da população assiste à TV todos os dias



EPCOM
Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação

www.acesocom.com.br

info@acesocom.com.br

Rua Lusitana, 607-Bairro Higienópolis
CEP. 90520-080-Porto Alegre-RS
Fone/fax: (51) 3337-4800